

UM POR OUTRO

Comedia em dous actos

Livrentemente transportada do francez,
accommodada á scena brasileira,
e ornada de canto,

POR

Manoel Pires
Manoel Pires Ferrão.

RIO DE JANEIRO

Na livraria de Cruz Coutinho—Edictor.

75 rua de S. José 75

1872

Personagens:

Appolinario

Eufrásia

Pintalegrete

José Piéga

Chico Guedes

Thomazia

Orquestra

TYP. DE J. LOBO VIANNA, RUA

D'AJUDA N. 79.

—
1871.

74
A QUEM QUIZER FAZER A CENSURA DESTA COMEDIA.

Não se deve julgar sem ouvir: isto explica o título de que entendi dever preceder estas linhas.

De litteratura não se faz carreira entre nós; pelo menos ninguem deve esperar viver della, ou á sua custa nesta terra. Só, como devoção se póde neste paiz, todo commercial, consagrar ás lettras, e mesmo ás sciencias, as horas desimpedidas e dispensadas pelo *auri sacra fames*. Essas, porém, tem sido sempre tão poucas para mim, que fôra uma sem razão ronbal-as ao repouso, de que tanto precisa o corpo como o espirito. Além disto, não sou litterato, e então o que outros fariam em uma ou duas dessas horas, não conseguiria eu em multiplicado tempo; e então

Não se empresto.

não valeria a pena, attendendo principalmente, á inferioridade do resultado, em relação ás producções dos habilitados, que a despeito de tudo, superabundam entre nós.

Pois bem; não obstante tudo isto, consagrei algum tempo á presente pequena producção, a que, se fôr possível, darão um merecimento qualquer.

Que querem? Foi um devaneio, uma excepção de regra, que não autorisa, por consequencia, classificações ou juizos definitivos a meu respeito, nem do meu trabalho.

Sou apenas um intromettido, um verdadeiro *parvenu* em litteratura, segundo os espirituosos da época.

Perdão, Senhores Rigoristas.

A leitura que fiz em 1859 do espirituoso *Vaudeville* — *Le truc de mari* — dos Srs. *Raymond, Deslands et E. Moreau*, suggeriu-me a idéa de transportar o mesmo *Vaudeville* para o nosso theatro. Entendi, porém, que do mesmo modo que a roupa, feita para um individuo, quando tem de servir depois em outro, precisa soffrer

Não se comparete
 Não se comparete

Comprehens V
modificações, bem sensíveis ás vezes, assim
tambem as producções dramaticas, sahindo de
um para outro theatro, de diversas nacionali-
dades, devem, muitas vezes, para satisfazerem os
seus fins, ser accommodadas aos costumes e uzos
do novo paiz em que têm de ser representadas.
Só desse modo serão bem comprehendidas e exe-
cutadas então. O assumpto é, em taes casos, um
—*mote*— que por mais de um poeta tem de ser
glozado.

Nesse intuito accommodei o enredo ao nosso
theatro, ampliando-o e modificando-o com in-
teira liberdade, attendendo sómente aos nossos
espectadores, a quem taes producções devem
aproveitar, quer pelo lado do divertimento, quer
pelo da lição— que vão receber nessa Eschola
pratica secundaria a que chamamos—*theatro*,—
e onde, voluntariamente e por distracção, o pu-
blico se matricula.

Estou convencido de que as producções thea-
traes ganham muito mais com as imitações,
quando são bem comprehendidas aquellas e exe-
cutadas estas, do que com as traducções, que

mais ou menos desfiguram sempre a linguagem, e muitas vezes o enredo também tornando-se; então estranhas e mal cabidas em relação ao povo para quem foram feitas, que, afinal, não é o mesmo para quem se escreveu o original. Finalmente, não ha duvida que o assumpto nacional deve ser melhor comprehendido e interessar muito mais do que o extranho, até porque, em scena certos factos são filhos de outros oque precisam ser bem conhecidos para serem devidamente apreciados, mórmente na comedia e no drama de costumes da moderna eschola—*realista*.

Tudo isto quanto á razão ou motivo do meu procedimento. Agora, quanto ao seu valor, ou merecimento do que escrevi, sujeito-me inteiramente ás correcções dos entendidos, porque como já disse, não sou professional na materia; nem, escrevendo, tive em mente outro fim que não fosse o de distrahir-me, estudando e applicando-me.

E' muito possivel, e creio mesmo, que a minha *glosa* esteja muito inferior á do autor do *note*; resta, porém, para consolar-me, a idéa de

dormir, como uma pedra que cae no poço. Em quanto o senhor ronca profundamente, vélo eu triste, e, em silencio, ou, quando muito, á meia voz, gemo e maldigo o seu somno e a minha sorte. Se accaso o accódo alguma vez, põe-se a resmungar, e zanga-se commigo. .. Ora, isto não póde continuar assim!

APOLLINARIO. (*Embaraçado*). Porém, que queres, Eufrasinha? Ando muito occupado com o risco de um pagóde que estou fazendo... um pagóde conchinchinez... immenso... fantastico até!...

EUFRASIA. Pagóde!!... Pois o senhor, um homem casado, ainda anda mettido em pagódes?!...

APOLLINARIA. Mas, que pagóde julgas tu ser este de que te fallo?... Bem se vê que não conheces a linguagem architectonica!—Olha que não é o programma de alguma sucia ou patuscada; não. O pagóde de que trato é uma construcção, um edificio proprio da China, do qual eu, como architecto, estou fazendo o risco ou planta, como lhe chamamos nós, scientificamente fallando.

EUFRASIA. Emfim; seja o que fôr, é muito massante o tal seu pagóde, porque o senhor não o abandona um só momento.—Ha um anno que, por causa d'elle, vive aqui fechado!

APOLLINARIO. Pois um pagóde, menina, não é cousa que se arranje em um dia; mas, tambem

Camuebo

Camuebo

quando estiver concluído terei a minha fortuna feita!

EUFRASIA. Sua fortuna?! Pois o senhor não é já bastante rico?! Não é proprietário de duas moradas de casas contiguas, que foi mesmo quem mandou edificar? Esta em que residimos, e a outra vizinha? Porque, então, não hade dispôr de algum tempo para descansar um pouco?

APOLLINARIO. Como, se eu trabalho para o futuro dos nossos filhos?

EUFRASIA. Dos nossos filhos!... (*Dá um mu-chôcho*) Que filhos?!

APOLLINARIO. Os filhos que podemos ainda vir a ter para o futuro...

EUFRASIA. Ora! sim: deve pensar antes no presente

APOLLINARIO. Mas, então, o que queres tu que eu faça?

EUFRASIA. Não sabe? Pois eu lhe digo: (*canta*).

Quero que me trate

Com todo o carinho;

Que tenha a meiguice

De um bom maridinho;

Que esteja a meu lado

A todo o instantinho.

Quero que se torne
Marido estimavel ;
Que seja commigo
Mui terno e affavel ;
Que, emfim, me divirta,
Tornando-se amavel.

(*Fallando*). A proposito: onde está o Professor de aquarella que me prometteu ?... Aposto que nem mais disse se lembrou ?!

APOLLINARIO. Ora, eis ahi, minha Eufrasinha, como tu és injusta com o teu Apollinario ! Agora mesmo, sem duvida, prepara esse Professor os seus pinceis para cá vir.

EUFRASIA. (*Com alegria e meiguice.*) Sim ?... E quem é elle ?

APOLLINARIO. Escrevi á tua antiga Mestra, e pedi-lhe que me mandasse aquelle mesmo que já foi teu Professor de desenho...

EUFRASIA. (*Interrompendo, abalada*) Elle !... Oh ! não ; não o quero !

APOLLINARIO. Porque ? Pois não foi elle quem começou ? Elle que acabe !

EUFRASIA. (*Aparte*). Meu Deus ! Um homem que já quiz namorar-me !... (*Alto*). Não, meu amigo ; mudei de resolução : agora não quero mais professor de aquarella.

APOLLINARIO. (*Passando para a direita*) Pois, sim; neste caso farei o que desejares.

EUFRASIA. Aprenderei sem mestre: commigo mesmo.

APOLLINARIO. Não sei, porém, como isso agora hade ser, porque o moço não tarda a chegar... Só se tu o despedires.

EUFRASIA. Eu?!... Mas bem vê que....

APOLLINARIO. (*Aparte*). O peor é que vae-se aproximando a hora!... (*Alto*) Hasde me perdoar, minha Eufrasinha; porém, tudo isto em nada interessa, nem adianta o meu pagóde; e se me quizesse fazer o favor de deixar-me...

EUFRASIA. Farei, já que assim é preciso. (*Com tristeza*). Ah! como não vae ser desagradavel para mim o dia de hoje, tendo de mais, a mais, dado licença á preta Joaquina, que nos serve, para sahir por algumas horas!

APOLLINARIO. Pois, eu só quero uma horasinha... olha: umasinha só...

EUFRASIA. Sim; eu bem sei como o senher costuma contar as horas! (*Dando um suspiro*) Emfim... vá lá mais esta!...

APOLLINARIO. (*Conduzindo-a pela mão*). Não; eu te prometto que desta vez será só por uma horasinha! (*Delendo-a*). Mas... escuta: (*canta*).

E' tal o meu pagóde
Que, sendo interrompido,

Eu posso seriamente
Ficar comprometido.

Portanto, agora aqui
Me deves prometter,
Que em quanto eu trabalhar
Não me has de interromper.

(Fallando) Ouviste? Não me venhas interromper!

EUFRASIA. E para que, se perderia o meu tempo! Já sei que quando está trabalhando não me responde, por mais que o chame... (Vae a sahir, e voltando-se para Apollinario diz): Então?... nem ao menos me dá um abraço?...

APOLLINARIO. (Aparte). Ainda mais esta! E que remedio! (Abraçando-a). Desculpa-me; ando tão abstracto... Mas, não faças caso. Olha; seriamente: não despeças o teu Professor de aquarella. Um Professor, menina, sempre entretêm alguma cousa, e...

EUFRASIA. (Encolhendo os hombros) Ora! bem bem importa... (sahindo). Ah! se eu soubesse antes o que era este casamento! (Vae-se pelo fundo).

Carminha

Carminha

SCENA II.

APOLLINARIO só.

(Depois de ter conduzido Eufrasia até á porta, fecha esta, despe o chambre, que põe sobre a cadeira proxima da secretaria, e veste o paletot.)

Com effeito!... Cada vez se torna mais difficil e arriscado este meu segredo! Custa me bastante fazer minha mulher engulir o tal meu pagóde imaginario!... Coitadinha! mal sabe ella que este gabinete, que acredita ser apenas destinado á esquadria e ao compasso, é um lugar de artimanhas e de sortidas; uma verdadeira Torre de Nesle. *(Indo abrir o armario)*. Por exemplo: aqui temos nós um simples armario, e nada mais. Pois bem; empurre-se uma pequena molla, e descobrir-se-ha neste movel um mysterioso machinismo, uma engenhosa transformação; finalmente, uma invenção a Richelieu: verdadeiro estratagemma de marido!—Basta tocar-lhe eu com a mão, o machinismo volta-se, e subito transporta-me, no mesmo nivel, para a outra minha casa; para a casa de Mariquinhas, uma exeellente creatura de quem sou proprietario... quero dizer, proprietario da casa em que ella mora... *(Canta)*

Eis aqui, pois, o motivo
Desta minha reclusão;
Do meu trabalho e vigílias
Eis a véra explicação.

Tenho, sim, um bom pagóde
Aqui perto, isto é exacto;
Mas, que de mim só exige
Trabalho suave e grato.

Qual trabalho! Quaes vigílias!
Aqui só ha um segredo
Com que illude umbom marido.
A' mulher de que tem medo.

(Fallando). O que ha, porém, de mais curioso em tudo isto é que a tal Sra. D. Mariquinhas me é infiel! Sim; ella me engana, e disto tenho provas! Não obstante, não estou resolvido a entregar-lhe os seus passaportes.—Ah! a vingança é o prazer dos amantes, e principalmente dos amantes architectos; e se daqui afastei ha pouco minha mulher, é porque souo a hora tremenda!—Mariquinhas não me espera hoje, e por isso o birbante do meu rival não deve tardar.—Eu puz já á do sujeitinho dous bons maltistas, munidos cada *
* espreguia, um de um excellente cacete, para, logo

EM POR OUTRO

que o virem sahir da casa da minha inquelina
fazerem-lhe perder a vontade de lá voltar...
(*Escutando*). A proposito... Pareceu-me ouvir
puchar a campainha de lá... (*Approximando-se
do armario, e escutando sempre*) Daqui ouve-se
bem tudo — Sim; creio que não me engano...
(*Voltando para o meio da scena*). Hade ser uma
scena interessantissima! Vou apparecer-lhe ino-
pinadamente, e elle mal terá tempo para ganhar
de novo a porta da rua e ir então receber a
recompensa que lhe é devida.—Vamos a isso!
(*Como se fallasse a Eufrasia*). Boa noute, minha
Eufrasinha; até logo!—Não te zangues, heim?..
(*Canta*).

Um verdadeiro pagóde
E' o que agora vou vêr;
Mas, d'elle minha mulher
Noticia não hade ter.

Pois, sou marido architecto,
Entendo de construcção,
Sei fazer, como ninguem,
Paredes de meação.

(*A orchestra continúa á tocar, Apollinario
colloca-se no fundo movediço do armario, e,
calcando na mólla, desaparece*).

SCENA III.

PINTALEGRETE (*só, saltando de dentro do armario, sem chapéo, e muito surprehendido com o repentino movimento de rotaçáo que o apresenta ao publico*)

O que é isto?!... Para onde vim eu?!... Accaso terá havido algum terremoto de armarios em casa de Mariquinhas?! (*Observando em torno*) Onde diabo estou?... Felizmente, temos aqui luz. (*Examinando tudo*). Mappas... compasos... plantas... planos começados... Não ha que duvidar: estou no gabinete de um Architecto. (*vindo para a frente da scena*). Porém, que magica foi esta que me aconteceu?... Ora, vejamos; recapitemos. Eu estava em casa de Mariquinhas, a conversar com aquelle Anjo de formosura brasileira. De repente ouvi puchar fortemente a campainha, e Mariquinhas dizer-me: Fuja!... Esconda-se!... E' elle!... E' o meu proprietario!...—Tratei logo de fugir, e comecei a apalpar e a esgaravatar as paredes e o soalho, o ver se encontrava algum escaninho na propriedade do proprietario onde podesse metter-me; nisto avistei um immenso armario; lancei-me dentro d'elle, e no mesmo instante achei-me transportado para este aposento desconhecido... E... (*Olhando em torno e pondo a mão na cabeça*) de mais a mais, sem chapéo! — Emfim, quando se tem perdido a cabeça, não é muito que se perca

tambem o chapéo. (*Mudando de tom, e como quem comprehende o que se passa*). Por consequencia o tal armario é animado?... Oh! lá se é!... (*Canta*).

Sem querer e sem sentir,
Transformei-me em namorado,
E fui habitar por horas
Em um palacio encantado.

Porém, esse encanto agora,
Graças á potencia sua,
Transporta-me de repente,
Talvez p'ra o mundo da lua.

Sabia que tinha encantos
A tal minha namorada ;
Sabia quanto era bella,
Porém, não que era uma fada.

Amor é bregeiro fino,
E' magano e bom tratante ;
Faz petêca e corrupio
Do basbaque de um amante.

(*Fallando*). Porém como hade ser isto?...

E se acaso me encontrarem sem chapéo neste exótico domicilio?... Se eu disser que me chamo Pintalegrete; que sou professor de desenho de varios collegios de meninas, não se me acreditará; exigir-se-ha a minha cabeça, e gritar-se-ha:—*Pega ladrão!*...—*Safa!*—*Nada*; isto não está bom; Saiámos daqui. Se eu pudesse acertar com a porta. . . (*Olhando para as portas*). Mas, como, se são tantas? Posso ir dar commigo em algum dos logares mais frequentados da casa... Ora, vejamos em qual dellas se ouve menos rumor. (*Dirige-se nas pontas dos pés para a porta do fundo, abre-a, levantando o ferrolho, e logo depois recua precipitadamente, ouvindo bater.*) Bateram!... Agora é que são ellas!... Estou na *disga* como dizem os capadocios!

EUFRASIA. (*Da parte de fóra*). Abre; sou eu, meu amigo.

PINTALEGRETE. A voz é de mulher!

EUFRASIA. (*Como acima*). Não sou culpada se interrompô seu trabalho.

PINTALEGRETE. Ah! ella pensa que aqui ha alguém trabalhando!

EUFRASIA. (*Idem*). Está ahi um rapaz que quer fallar-lhe, e quanto antes.

PINTALEGRETE. Muito bem! Esta agora inda é melhor!... Estou mettido em boas!... E não sei o que heide fazer... (*Vendo o chambre*). Ah! este chambre... Agora, estes oculos... e der... esta carapuça.... (*Veste o chambre*,

Chambre

Chambre

põe os olhos e a carapuça, e depois senta-se á mesa, como quem está todo entregue ao trabalho), Mostremos applicação. (*Eufrasia entra pelo fundo*).

SCENA IV.

PINTALEGRETE, *disfarçado*; EUFRASIA; e logo depois JOSE' PIEGA.

EUFRASIA. (*Entrando com receio, depois de empurrar a porta*). Ah! Não tinha fechado a porta? (*Aproximando-se de Pintalegrete*). Escuta, meu amigo.

PINTALEGRETE. (*Aparte*). Seu amigo? ... E' singular! Parece-me já ter ouvido esta voz...

EUFRASIA. Eu disse ao tal rapaz que era inutil vir encommodar-te, porque tens o costume de não responder quando trabalhas...

PINTALEGRETE. (*Idem*). Estimo muito saber disto!

EUFRASIA. Porém, elle insistiu, dizendo que é um negocio de muita importancia.

(*Pintalegrete pede, acenando com a mão, que o deixe*).

JOSÉ PIEGA. (*Entrando, em trajos e com andar de capoeira*). Um escravo de Vossa Senhoria: Vossa Senhoria hade perdoar se este seu negro lhe vem lhe interrómper; mais seu negro não *havera* de ter esta confiança, se não fosse *promodi* os negocio de Vossa Senhoria mesmo. (*Pintale-*

grete diz por aênos que não se lhe fallem).

EUFRASIA. (A' José Piéga). Eu não lhe disse, Senhor Mestre, que meu marido não lhe responderia ?

JOSÉ PIÉGA. Ave Maria! *Entonces* eu não *havéra* de fallar com meu senhor? A mais antes eu queria ficar sem braço para rebollir este cacetê! (*Pintalegrete repete o signal acima*)

EUFRASIA. Está vendo, Sr. Mestre? Para que hade ser taimoso ?

JOSÉ PIÉGA. *Hichi!* Não vê que o filho da velha cae nessa! Meu senhor não quer me responder porque minha Angana está aqui; eu bem sei; *mais* se minha Angana quizer deixar o seu negro só com elle. . .

EUFRASIA. Só com elle?! (*Aparte*). E' repugnante o todo deste negro!

JOSÉ PIÉGA. (*Dirigindo-se á Pintalegrete*). E' um negocio particular. . . (*Com intenção*). Um arranjo, que não póde soffrer a menor demóra. . . (*Baixo ao ouvido de Pintalegrete*). Aquelle negocio da sinhá D. Mariquinhas. . .

PINTALEGRETE (*voltando-se repentinamente*). Heim?! (*Aparte*). Falla de Mariquinhas? . . .

JOSÉ PIÉGA (*a Eufrosia*). Então, minha Angana, não quer deixar seu negro ficar sósinho com este meu branco? Elle precisa ficar só comigo; *tirantes* disso eu não *havéra* de incommodar minha Angana.

EUFRASIA (*á Pintalegrete*). E' verdade o que

diz este rapaz, meu amigo? (*Pintalegrete faz signal affirmativo*).

JOSÉ PIÉGA. (*á Eufrasia*). Entonces o que *sintencia*, minha Angana?

EUFRASIA. Bem; pois então vou-me embora. (*Aparte*). Eu vou; mas, espero que muito breve heide descobrir este mysterio! (*Cantam*).

JOSÉ PIÉGA. O homem está na *disga*

EUFRASIA. Que historia esta será?...

PINTALEGRETE. Eu quero, mas é vêr

Que fim isto terá!

OS TRES. Que fim isto terá!

(*Eufrasia sae pelo fundo.*)

SCENA V.

PINTALEGRETE E JOSÉ PIÉGA.

PINTALEGRETE (*aparte*). Tratar-se-ha com effeito, de Mariquinhas?

JOSÉ PIÉGA. (*Mysteriosamente, olhando em redor de si*). Já sahiu... Agora estamos sós. (*Dirigindo-se para Pintalêgrete*). Apois, muito que bem; como eu não conheço ainda meu branco nem meu branco me conhece a mim...

PINTALEGRETE (*voltando-se*). Sim?... (*Aparte*). Bom; então posso fallar sem receio. (*Levanta-se.*)

JOSÉ PIÉGA. Antes de tudo é perciso que vossa senhoria fique sabendó que foi o Antoneo Navalhada quem me mandou cá.

PINTALEGRETE. Ah! foi elle?... (A parte).
Sem duvida algum Pedro Malazarte! (A' José Piéga) E você, como se chama?

JOSÉ PIÉGA. José Piéga, um escravo de meu senhor.

PINTALEGRETE (Como quem não entendeu bem).
José...

JOSÉ PIÉGA. Piéga, um escravo de meu senhor. *Entonces*, meu branco, não gosta de piégas?

PINTALEGRETE. A's vezes não desgosto. — Mas, senhor Piéga, vamos ao que serve. O que tem então você para dizer-me?

JOSÉ PIÉGA (Mysteriosamente). O bicho está na gaiola, meu branco!

PINTALEGRETE Quem?...

JOSÉ PIÉGA. O passaro!

PINTALEGRETE. O passaro?!...

JOSÉ PIÉGA. Sim, senhor; vi com estes que a terra ha de comer... (Apontando para os olhos com os dedos.)

PINTALEGRETE (A' parte). Quem sabe? Talvez que a terra sympathise tanto com elles como eu!

JO É PIÉGA (Continuando). Apois eu vi o tal passaro entrar para a casa da sinhá D. Mariquinhas, *de já hoje*; por signal que ia com o chapéo encapellado, para não ser conhecido.

PINTALEGRETE. Um passaro de chapéo encapellado? E' uma especie inteiramente nova para mim!

Handwritten notes:
Pintalegrete
José Piéga
Carrasco

JOSÉ PIÉGA. O outro meu companheiro ficou de sentinella da banda di fóra da porta da sinhá D. Mariquinhas, promodi as duvida; e póde vossa senhoria estar certo que, si o passaro sahir, o Navalhada ha de fazer p-a-pa santa justa o que vossa senhoria lhe recommendou. Verá; elle é bom como ouro; e o melro não ha de vêr boia commosco! (*Põe-se a rir.*)

PINTALEGRETE (*Sem comprehender*). Um passaro?... O que eu recommendei?...

JOSÉ PIÉGA. Ora, mire-se, meu branco, neste espelho. (*Levanta o cacête para o mostrar a Pintalegrete, que se encolhe assustado.*) Está vendo? E' um excellente tira duvida, não acha? Apois o do meu companheiro é muito malhor. Cá o meu é a herança que meu pai me deixou. Faça, meu senhorzinho, idéa, quando elle se estender bonito sobre o costado... (*Rindo, e manejando o cacête com ares de capoeira.*)

PINTALEGRETE (*Encolhendo-se assustado*). Espere, senhor Mestre! No costado de quem?...

JOSÉ PIÉGA. De quem? Do cujo que vai á casa da sinhá D. Mariquinhas, todas as noutes que sabê que vossa senhoria lá não está. (*Sóbe a scena gingando.*)

PINTALEGRETE (*A' parte, passando para a direita*). Olá! isto agora é comigo! Mas quem será que me quer fazer um tal favor?

JOSÉ PIÉGA (*Descendo a scena*). Temos nos

alemrado de um bello meio para encurralar o
manco...

PINTALEGRETE. Pois elle é seu mano?!...

JOSÉ PIÉGA. Por parte de Adão e Eva; meu
branco.— Porém, não cortanco a palavra honrada
de vossa senhoria; o meio que eu alembro para
fazer sabir o cujo apenas chegar, é entrar vossa
senhoria de repente pelo armario em casa da
sinhá D. Mariquinhas, e nós, então collocados
da banda di fóra da porta, (*mostrando o cacête.*)
com este seu criado e o outro seu parente, irnos
lhe assistindo para o seu tabaco, (*mudando de
tom.*) já se sabe... por conta o risco de vossa se-
nhoria. (*Rindo-se.*) Então, o que diz a isto, meu
branco?

PINTALEGRETE (*Reflectindo*). Nada! não me ser-
ve este meio; tenho outro muito melhor, por
mais seguro.

JOSÉ PIÉGA. Vamos a elle, meu branco!

PINTALEGRETE. Pagarei dobrado se, em vez
de fazerem vocês a applicação externamente,
lh'a fizerem internamente.

JOSÉ PIÉGA. *Interinamente?*... Como assina,
meu branco?!...

PINTALEGRETE. Eu lhe explico. Cheguem á
casa de D. Mariquinhas; batão, entrem, e lá
mesmo cáião de cacetadas no sujeito que acha-
rem com ella.

JOSÉ PIÉGA. Bem alemrado!! Bem alera-

Carracho

Carracho

brado!! Até é mais facil, porque já temos os signaes do cujo. . .

PINTALEGRETE, (*Interrompendo-o*) Nada! não! Escute, homem; ohe que já não é o mesmo.

JOSÉ PIÉGA. Uhé! Apois *entonces* inda ha outro?

PINTALEGRETE. Ha; sim: mas isso não quer dizer nada. Entrem decididos, e ainda que o sujeito grite e diga que elle não é elle, não fação caso. E' possivel até que se lembre de dizer que eu sou elle; mas, nada de ouvil-o.

JOSÉ PIÉGA. Não tem duvida, meu branco. Uma vez que Vossa Senhoria paga. . . (*Esfregando os dedos como quem falla em dinheiro*).

PINTALEGRETE. Já disse que pago dobrado. Mas, não percão tempo, vão já, e depois venhão receber aqui a molhadura. (*A' parte*) O sujeito ainda em cima ha de pagar á sua custa. (*A' José Piéga*) Vá, senhor Mestre: vejão lá não lhes fuja o passaro.

JOSÉ PIÉGA. *Hichi, machiche!* Não vê! Deixe Vossa Senhoria estar que o bicho fica por nossa conta. Cá o Zézinho não tem medo de piégas. (*Chegando-se para Pintalegrete, ensaia ao vivo quanto diz; Pintalegrete procura affastar-se sempre*) Olhe, meu branco; assumpte bem: Uma vez guindado, abutúa-se o cujo. (*Segura com a mão esquerda o chambre de Pintalegrete, fechando-o no peito*).

PINTALEGRETE. Mas olhe que eu não sou o cujo de quem se trata!...

JOSÉ PIÉGA. (*Como acima*). Depois atira-se uma beijolada... (*Ameaça passar a mão direita pelos beijos de Pintalegrete*).

PINTALEGRETE. Espere lá, Senhor Mestre!... Olhe que eu!... (*Ameaça-o*).

JOSÉ PIÉGA. (*Como acima*). E se o marreco refunga, é logo um pé de panzina... (*Finge dar um pontapé na barriga de Pintalegrete, que assustado se escapa e passa para o outro lado*).

PINTALEGRETE. O' Senhor Mestre!... Veja lá!... Não me falte ao respeito...

JOSÉ PIÉGA, (*Rindo-se*). Não tem duvida, meu branco! *entonces* meu Senhor está com medo? Apois eu *havera* de fallar ao respeito á meu branco? Ave Maria! Não tenha arreceio de seu negro. Isto chama-se só *ensaboar*; a barella é cousa mais seria! (*Atravessa a scena gingando e menejando o cacete, depois canta*):

Si o fucas *risca* ou refunga

Inda é mais miór que tudo;

Insabúa-se o marreco,

E fica quieto e mudo.

(*Dá um passeio pela scena assobiando no mesmo tom da musica e fazendo manejo com o cacete.*)

o cacete

Cacete

PINTALEGRETE, (*Cantando*).

Que figura estou fazendo !
Que triste situação! . . .
Ora queira Deos que eu possa
Me sahir bem da funcção !

JOSÉ PIÉGA, (*Canta*):

Cá eu, o filho da velha,
Com *piégas* nunca conto ;
E quem quizer cahir, caia,
Que encontra o moleque prompto !

(*Repete-se o mesmo jogo de scena á cima.*)

PINTALEGRETE, (*Cantā*):

O pretinho é dos diabos !
E' ligeiro e bom maltista !
Tenho pena, na verdade,
Do meu pobre antagonista.

JOSÉ PIÉGA, (*Fallando*). Cá o filho da velha
não conta com *disgracias* ! Quem quizer cair
que cáia ! Tambem para mim tanto faz seis
como meia duzia ! (*Atravessa novamente, gin-
gando, para o lado em que se acha Pintalegrete;*

este muda logo de lugar, mostrando-se receioso).
Não se quer saber quem está de vigia !

PINTALEGRETE. Está bom ; está bom, Senhor Mestre ; basta. Venha cá... vamos ao que serve... E' preciso não perder tempo... Vá, antes que o sujeito ehegue.

JOSÉ PIÉGA. Tem razão, meu branco ; eu vou já. Até logo. — Verá como o Zézinho decóra a oração ! Cá o filho da velha não tem mêdo de nada ! Não se conta com piégas ! (*Vai-se, ginguando, pelo fundo*)

SCENA VI

PINTALEGRETE, (*Só ; depois de acompanhar José Piéga até á porta*). Que formidavel cacête ! Safa ! Eescapei de bôa ! (*Tira a carapuça e os oculos*). Ora, pois ; não ha duvida que o proprietario deste chambre é o mesmo de Maaiquinhas ; que foi elle quem, entrando ha pouco em casa della, atirou commigo aqui, por meio do fundo movediço d'aquelle armario. E, finalmente que pelo mesmo havião sido preparados para mim os dois famosos cacetes, que acabo de devover-lhe. Porém, o sujeito não conta, certamente, com a remessa que lhe faço ! (*Canta*):

Amor com azas de páo,
E' amor que não convêm ;
Amor com amor se paga,
E nem outra paga tem !

Camacho

(*Fallando*). Tenho pena de não poder assistir ao espectáculo, que deve ser magnifico! (*Aplicando o ouvido*). Si não me engano... ouço tocar a campainha... Sim... lá atirão com os moveis ao chão... (*Ouve-se barulho dentro*) Pan! ..pan!... Assim!... Muito bem, rapazes!... Assim!... Assim!... Fogo nelle!...

APOLLINARIO, (*Gritando fóra*) Esperem!... Esperem!... Olhem que não sou eu!...

PINTALEGRETE, (*Como á cima*). Isso!... Assim!... Fogo nelle!... Continuem! (*Ouve-se o barulho mais proximo*). Oh! meu Deus! Elles se dirigem para aqui!... Safeño-nos, antes que cheguem!...—Mas, por onde? (*Resolutamente*). Ora! seja por onde fôr!.. (*Atravessa para a esquerda da scena*).

EUFRASIA. (*Entrando pelo fundo e vendo Pintalegrete correr*.) O que é isto?! O que aconteceu!..

PINTALEGRETE. Ah! a mulher! (*Me'te-se pela porta da direita*).

EUFRASIA. Elle foge! (*Gritando*) Apollinario!... Apollinario!...

(*Eufrasia sahe pela direita. — Pintalegrete entra muito perturbado pelo fundo, e torna a sahir pela direita. — Aparece de novo Eufrasia, e segue-o. Vê-se Pintalegrete atravessar pelo fundo da direita para a esquerda, e no momento em que desaparece, entra Apollinario na maior desordem e com o chapéo na mão, precipitando-se*

do fundo do armario em scena, como um homem allucinado, e indo cahir exausto sobre o sofá).

SCENA VII.

APOLLINAIO, DEPOIS PINTLEGRETE, DEPOIS EUFRASIA.

APOLLINARIO. Ai!... ai!... (*Pausa.*) — Apanhar!... eu!... Pois, deveras, fui eu a victima? Nada!... não é possivel! (*Mudando de tom.*) Quem sabe se isto não é um pesadello?... (*Apalpando-se.*) Ainda terei cabeça?... E o resto do corpo?... Ai!... Oh! mas isto não ha de ficar assim!

(*Durante toda esta scena, Apollinario, estorcendo-se de quando em quando, pondo a mão nas cadeiras, e fazendo grandes contorsões com o rosto, mostra-se pisado e cheio de dôres.*)

PINTALEGRETE. (*Entrando esbaforido pela esquerda, e vendo Apollinario.*) Ah! o marido!.. (*Esconde se immediatamente por detraz da cortina.*)

EUFRASIA. (*Gritando dentro dos bastidores, e entrando depois pela porta do fundo.*) Apollinario!... Apollinario!...

APOLLINARIO. (*Levantando-se.*) Minha mulher!...

EUFRASIA. Ora, não me dirás, finalmente, o que quer dizer essa carreira desatinada?

UM POR OUTRO

£

Carmelo

APOLLINARIO. (*Desapontado, á parte.*) Carreira?!.. Ter-me-ha ella visto entrar?!..

EUFRASIA. (*Contemplando Apollinario*). Meu Deus! Como está todo desarranjado!..

APOLLINARIO. (*Atrapalhado, procurando endireitar-se.*) Eu?... Ah! é o trabalho... O maldito trabalho, minha Eufrazinha... .

EUFRASIA. Mas então, tambem o trabalho é que o fazia correr daquelle modo?

APOLLINARIO. Mas, eu não corria; estava sentado aqui, no sofá...

EUFRASIA. Aonde? Ora, pois não!.. (*Mudando de tom.*) Mas, vamos; diga-me o que foi que lhe aconteceu? (*Chegando-se para Apollinario, com ternura.*) Acaso aquelle negro, com quem o deixei aqui fechado há pouco, lhe terá virado o juizo?.. .

APOLLINARIO, (*Admirado*). Com um negro?!... Que negro, senhora? Si eu até não gosto d'essa gente! Mas... quando foi isso?..

EUFRASIA. Ora, quando! Aqui mesmo, não ha ainda muito tempo.

APOLLINARIO, (*Amofinado e um tanto raivoso*) Eufrazia, pois tu me deixaste aqui só com um negro?.. .

EUFRASIA. (*Com ingenuidade*). Por que o senhor me mandou embora para conversar com elle.

APOLLINARIO, (*Como acima*). Eu, senhora?!.. .

EUFRASIA. Sim; o senhor, mesmo. E nem mais sequer, vi-o sair. (*Olhando em torno*).

APOLLINARIO, (*Como acima*). Mas... esta noute?... aqui?... neste lugar, dizes tu?..

EUFRASIA. Sem duvida. E esta! O senhor, pelo que vejo, está com a cabeça inteiramente desarranjada; perdida até!

APOLLINARIO, (*Com abatimento*). Creio que sim! Tenho-a tão doida!... (*A' parte*). Ah! os malandros!... os machacazes! (*Dobrando o corpo para traz e pondo a mão nas cadeiras*) Ai!...

EUFRASIA, (*Assustada*). Porém... Meu Deus! O senhor parece que não está em si!—O que tem? Diga: está com effeito doente?...

APOLLINARIO, (*Com voz fraca*). Sim... não estou bom... Tudo me dóe... as costas... as cabeiras... todo o corpo, emfim!....

EUFRASIA. Ora, eis ahí o resultado de tanto trabalho!

APOLLINARIO, (*Como acima*). De boa vontade tomaria alguma cousa que me animasse...

EUFRASIA, (*Com interesse*). Quer tomar um pouco de madeira?

APOLLINARIO, (*A' parte*). Páo tambem é madeira, e desse acabo eu de tomar bem boa dóse! (*Alto*) Sim; deve fazer-me muito bem.

EUFRASIA. Eu vou buscar. (*Sahindo*) O tal seu rirco de pagote é que lhe está fazendo mal.

APOLLINARIO, (*Amparando a cabeça com a*

machac

mão). Ai!... E tem rasão! Não é, porém, o meu risco de pagote, mas sim o meu pagode de risco!

SCENA VIII.

APOLLINARIO E PINTALEGRETE (ESCONDIDO).

APOLLINARIO (*sempre com as mãos nas cadeiras*). Estou derreado... completamente moido..

PINTALEGRETE (*pondo a cabeça fóra da cortina, aparte*). Pobre Architecto! Está demolido!...

APOLLINARIO. Os malandros! Quanto mais eu lhes gritava: Olhem que não sou eu! Com mais força descarregavam... E por todo o corpo!... Ai!...

PINTALEGRETE (*como acima*). E para teu ensino, meu astucioso!

APOLLINARIO. Creio que alguma boa paulada devo ter levado na cabeça, porque não me lembro inteiramente do que me disse minha mulher a respeito do tal negro que aqui ficou só comigo!

PINTALEGRETE (*á parte*). Isso sei eu!

APOLLINARIO (*apalpando a cabeça*). Tudo por aqui me dóe... e também por aqui... (*Dando um grito*). Ah!... Meu Deus!... Lá se me foi a bóssa da memoria!... (*Procurando com afflicção*

Camacho

a bossa) Não a encontro mais!.. Está mesmo esborrachadinha!... Malditos! achataram-me a bôssa!... (*Deixa-se cahir sentado, como aniquilado*)

PINTALEGRETE, (*Como acima*). Que desfructavel bôbo!...

APOLLINARIO, (*Pondo na cabeça o chapéo que depositou sobre o sofá, e que, por pequeno, não lhe chega*). Estou até com a cabeça inchada! (*Tirando o chapéo e examinando-o*). Porém... este não é o meu chapéo!... Ah! sim; agora me recordo. Ha de ser o do sujeitinho; daquelle para quem estavam destinadas as pauladas que me foram applicadas... Ai! minhas costas!... Ai! minhas cadeiras!... (*Levanta-se e torna a pôr o chapão sobre o sofá*),

PINTALEGRETE, (*Como acima*). Olá... O meu chapéo!..

APOLLINARIO. Mas heide saber a quem elle pertence, por que Buffon disse:—O chapéo é o homem.—Ah! e quando chegar a encontrar o dono!... então... (*Dobrando-se repentinamente*). Ai! minhas cadeiras!...

PINTALEGRETE, (*Vendo o chapéo que Apollinario deixa sobre o sofá, e trocando-o pelo seu, diz, sahindo de detraz da cortina, á parte*). Um... dous... tres... passe!... Operou-se a transformação! (*Esconde-se novamente*).

APOLLINARIO. Está me parecendo que ficarei

Cannacho

Cannacho

mais a gosto mettido no meu chambre... (*Procurando com os olhos o chambre*).

PINTALEGRETE, (*Com a cabeça fóra da cortina*)
Com esta é que eu não contava !...

APOLLINARIO, (*Continuando*). Porém... Aonde está elle?... Eu o tinha deixado alli... (*Apon-tando para a cadeira proxima da secreátria*). Mas, já não o vejo... Só se ficou no meu quarto. Não me lembro bem... (*Pondo a mão na cabeça*). Efeito da bossa achatada!— Ora, vamos procurar-o... (*Curvando-se e pondo repentinamente as mãos nas cadeiras*). Ai!... E, entretanto, vou ao mesmo tempo esfregar-me com alguma cousa. (*Pega no lampeão e depois vai buscar o chapéo*)
Ainda cá meu denunciante, que agora não te deixo mais. (*Sae pela esquerda.—Obscuridade completa. Pintalegrete sae de detraz da cortina*).

SCENA IX

PINTALEGRETE E DEPOIS EUFRASIA

PINTALEGRETE. Bem ; a cousa por ora vae correndo maravilhosamente ! Agora façamos esta restituição... (*Despê o chambre e colloca-o no mesmo lugar em que o achou*) E como já estou de posse do meu chapéo, vou tratar de pôr-me ao fresco. (*Vai sahir pelo fundo e no mesmo momento eutra Eufrasia trazendo uma garrafa e um copo*).

EUFRASIA, (*Parando ao entrar*). Então, o que é isto?... Apagou a luz?... Já vejo que ella o incommodava...

PINTALEGRETE, (*Voltando para a frente da scena, atrapalhado. A' parte*). E esta! Ahi temos a dona do dono do chambre!

EUFRASIA, (*Procurando por um lado ás apalpadellas, enquanto Pintalegrete pelo opposto do mesmo modo fôge della*). De que lado está?... En não vejo nada!... (*Pintalegrete esbarra no sofá*). Ah! já sei; no mesmo lugar... Sentado no sofá... (*Aproximando-se do sofá*) Sim; cá está elle! (*Pondo vinho no copo*) Tome este cóposinho de madeira que o ha de fortalecer e animar. (*Apresenta o cópo a Pintalegrete, que se tem sentado no sofá*).

PINTALEGRETE, (*Tomando o cópo e bebendo, á parte*) Estes enganãos não deixão de me convir!

EUFRASIA, (*Que tem passado para a direita, collocando, ás apalpadellas, a garrafa sobre a mesa*). Então? sente-se melhor?...

PINTALEGRETE, (*A' parte*). Oh! diabo! Agora hei de eu fallar por força! (*Fingindo voz enfraquecida*) Alguma cousa...

EUFRASIA. Meu Deus!... Veja só como está com a voz alterada!... Não falle enquanto estiver assim; eu lhe peço...;

PINTALEGRETE. Bom! E' justamente o que eu desejo! Porém... esta voz não me é estranha!...

EUFRASIA, (*Sentando-se junto de Pintalegrete*

Camacho

e passando-lhe a mão pela pescoço). Então? está bem assim?

PINTALEGRETE, (*Tomando a mão de Eufrasia e beijando-a com effusão. A' parte*). Oh! se estou!... Muito bem até! perfeitamente (*Beija-lhe de novo a mão*).

EUFRASIA, (*Fugindo com a mão*) Fique quieto!... Contenha-se!... (*Dando um muchôcho*) Que é isto hoje, gente?

PINTALEGRETE (*áparte*). Creio que não desgostou! (*Beija novamente a mão de Eufrasia, depois passa-lhe o braço pela cintura.*)

EUFRASIA (*com esquivança, mostrando-se admirada*). E então?!... Isto é extraordinario! (*A' parte.*) Quem sabe se não é effeito do madeira?... (*Alto.*) Espere (*Pintalegrete deixa-a levantar, e ella vae, ás apalpadellas, até á mesa onde pôz a garrafa e o copo, deita vinho n'este, e volta a trazê-lo a Pintalegrete.*) Tome, beba mais este coposinho.

PINTALEGRETE (*áparte, tomando o copo*). Segundo?... Vá lá... (*Bebe, entrega' o copo a Eufrasia, e enquanto esta o recebe com uma das mãos, Pintalegrete pega-lhe na outra mão e beija-a com effusão.*)

EUFRASIA (*sempre com esquivança affectada*). Então?! continúa?... (*Levantando-se, passando para a esquerda, áparte.*) Nunca o vi assim! E' effeito do vinho; não ha que duvidar! (*Dirige-se*

para a frente da scena e canta; Pintalegrete, de
mesmo lugar em que está sentado, responde.)

Isto é sonho
Certamente...

PINTALEGRETE (*á parte*). Mente!

EUFRASIA. Terei tanta
F'licidade?

PINTALEGRETE (*Idem.*) Ha de...

EUFRASIA. Ah! respira
Coração!

PINTALEGRETE (*Idem.*) Pois não!

EUFRASIA. Vae tornar-se
Meo escravo!

PINTALEGRETE (*Idem.*) Bravo!...

EUFRASIA (*fallando e dirigindo-se novamente
para o lugar em que se acha Pintalegrete*). Não
faz idéa do quanto está hoje amavel! Se fosse
sempre assim, oh! então eu não lhe pediria dis-
tracções! Olhe: agora, mais do que nunca, estou
decidida a não querer o Professor de aquarella.

PINTALEGRETE (*á parte*). Ah! ella queria um
Professor!... (*Põe o copo sobre a mesa*)

EUFRASIA (*com acanhamento, brincando com as
unhas*). Mesmo porque... este de quem me fal-
lou... é o do Collegio de D. Miquelina, e...

to acanhado

PINTALEGRETE (*á parte*). O mesmo em que lecciono!

EUFRASIA. E muitas vezes me pareceu... que elle... me estava namorando... emquanto me dava as lições...

PINTALEGRETE (*á parte*). Ai! que esta é a Eufrasinha!... Bem dizia eu!

EUFRASIA (*passando a mão pelo pescoço de Pintalegrete; com voz meiga*). Mas, por isso não fique zangado comigo, não; já ouviu?..

PINTALEGRETE (*á parte*). Pelo contrario! (*Levanta-se.*) Oh! Diabo! Agora fiz a bonita!... O marido é muito mais alto do que eu! Vejamos se posso ficar do seu tamanho. (*Põe-se nas pontinhas dos pés, aproxima-se de Eufrasia, e emquanto está falla, lerant-se e abaixa-se constantemente, procurando sempre conservar-se nas pontas dos pés.*)

EUFRASIA (*como acima*). Mas o senhor bem vê que se eu me achasse a sós com esse homem, emquanto o senhor aqui fechado trabalha no seo pagóde... Elle é tão affouto... tão audaz... que. .

PINTALEGRETE (*á parte, beijando a mão de Eufrasia com emphase, e abraçando-a pela cintura*). Façamos por imital-o!...

EUFRASIA. Me deixe! — Pelo que vejo não lhe incommodou a minha declaração... Então?... Não me responde?... Não me diz nada?...

PINTALEGRETE (*áparte*). Incommodar-me! Pelo contrario!... (*Abraça-a novamente.*)

EUFRASIA (*forcejando por escapar de Pintalegrete*). Socegue!... Me largue!... (*Passa para o outro lado da scena.*)

PINTALEGRETE (*áparte*). Agora não te largo eu! (*Segue Eufrasia.*)

EUFRASIA (*como acima; áparte*). Quanto póde o vinho!... (*Ouve-se rumor do lado direito.*)

PINTALEGRETE (*como acima*). Oh! Diabo! ahi vem o marido! (*Foge para dentro pela esquerda*)

EUFRASIA. Como! Assim me deixa?... Foge de mim?... (*Procurando-o.*) Apollinario?... Apollinario?...

APOLLINARIO (*dentro*). Aqui estou; ahi vou, minha Eufrasinha.

EUFRASIA (*admirada, attentando para o lado onde ouve fallar Apollinario*). Que quer dizer isto?!... Agora já está no quarto?!...

SCENA X.

EUFRASIA E APOLLINARIO.

APOLLINARIO (*entrando pela esquerda, trazendo o lampeão e o chapéo, que colloca sobre a mesa de escrever; áparte*). Puzeram-me a pannos de sal e vinagre, os taes mariólas!... Tenho o corpo todo cheio de nodoas rôxas, que mettem medo! Cada uma!... (*Mudando de tom, como quem procura alguma cousa.*) Aqui não está; no

Camacho

meu quarto tambem não... Ora, onde estará o maldito?...

EUFRASIA. Mas, o que é que procura?...

APOLLINARIO. O meo chambre, no qual ha mais de uma hora não posso pôr a mão!

EUFRASIA (*vendo o chambre sobre a cadeira*). Pois, não está ali, sobre aquella cadeira?...

APOLLINARIO (*despropositadamente*). Então foi a senhora que o pôz n'esse lugar! Pois, se eu já o tinha procurado aqui, e por topa a parte!...

EUFRASIA. Eu, não, que nem sequer peguei n'elle.

APOLLINARIO. Não está má esta! Eu a procurei-o por toda a parte, e elle ali, mesmo a entrar-me pelos olhos!

EUFRASIA. Não admira; o seu soffrimento era tal ainda ha pouco, que o não deixava ouvir nem vêr cousa alguma.

APOLLINARIO. Então, seria por isso. (*A'parte*) Continuum-me os esquecimentos! (*Apalpando a cabeça.*) Não ha duvida; a bossa está completamente achatada!

EUFRASIA. Foi bem bom ter-lhe eu trazido o vinho de madeira!

APOLLINARIO. Ah! é verdade. (*Com ar imperitino e de reprehensão.*) Mas então por que me não dás um copinho d'elle?

EUFRASIA. Pois ainda quer outro?...

APOLLINARIO. Como outro, senhora? Não comece vosmencê já a fazer-me ferver o sangue!...

EUFRASIA (*interrompendo*). Espere, homem; não se zangue. Eu não digo isto por querer reprehendê-lo, pois até acho que lhe fez muito bem; mas, enfim, sempre devo advertil-o de que já tomou dous copos...

APOLLINARIO (*como acima*). Quem?!... Eu?!... Senhora, não me faça perder a paciência! Eu?!...

EUFRASIA. Sim, senhor; o senhor mesmo.

APOLLINARIO. Porém... quando?... Quando foi isso?...

EUFRASIA. Ora, quando! Não ha ainda dez minutos.

APOLLINARIO (*em outro tom, chegando-se para Eufrasia*). Mas... olha: vem cá; devéras, minha mulherzinha, eu já tomei?...

EUFRASIA (*enfadada*). Então, não me acredita? Paciência...

APOLLINARIO (*pondo a mão na cabeça; á parte*). Está achatada; está!...

EUFRASIA (*canta*).

(*A' parte.*) Já estou desconfiando
De tantos esquecimentos!
Ou está devéras doudo,
Ou então são fingimentos.

APOLLINARIO (*canta.*)

(*A' parte.*) Ella está desconfiando

Canção

De tantos esquecimentos.
Está me suppondo doudo,
Ou cheio de fingimentos.

(Repetem juntos.)

EUFRASIA. Creio que, decididamente, o senhor perdeu a memoria!

APOLLINARIO *(á parte)*. Ah! a cacêta da bossa!... A cacêta da bossa!... E' preciso, porém, occultar uma tal enfermidade. *(Alto, mudando de tom.)* Ah! sim... sim... Agora me recorde, foi mesmo assim. Mas, isso que tem? dá cá outro coposinho...

EUFRASIA *(deitando vinho no copo)*. Agora já nada mais desejo. Eu não sabia que o madeira tinha o poder de o modificar e vencer por semelhante modo; sim, foi para mim extraordinario, que o senhor, sempre tão acanhado e esquivo para comigo, me acabrunhasse com tantos carinhos...

APOLLINARIO *(interrompendo)*. Eu?!... *(Contêm-se, levando a mão á cabeça.)*

EUFRASIA. Sim, senhor. Desconheci-o inteiramente; nunca o vi assim: tão meigo, a beijar-me a mão a todo o momento, a abraçar-me de instante a instante... Portanto, póde estar certo de que estou prompta a dar-lhe um copinho do tal vinho todos os dias. Oh! só o madeira o podia tornar tão amavel!

APOLLINARIO *(approximando-se de Eufrasia, e*

como que contendo os impetos de seo genio.)
Mas... vem cá, Eufrasia; tu estás fallando serio? Devéras eu estive amavel?...

EUFRASIA. E muito!... Nunca o vi tão terno!

APOLLINARIN (com admiração). Terno?! Eu?!

(Põe a mão na cabeça.)

EUFRASIA. E com ternura beijou-me a mão e abraçou-me muitas vezes. Pois já não se lembra?

APOLLINARIO (alterado, e quasi sem poder conter-se). Não! de lhe ter beijado a mão e de lhe ter abraçado, não me lembro!

EUFRASIA. Pois fêl-o, e muitas vezes. Por signal que até foi preciso contêl-o. (Põe a garrafa sobre a mesa.)

APOLLINARIO (amofinado). Ora, senhores! quando diabo beijei eu a mão d'esta senhora? A fallar a verdade não me lembro! (A Eufrasia) Mas... escuta, Eufrasia: quando, onde foi que eu beijei?...

EUFRASIA. Já lhe disse que aqui mesmo, não ha ainda muitos minutos.

APOLLINARIO (despropositadamente). A senhora está completamente enganada! Isto é até um falso testemunho que me levanta!

EUFRASIA (formalisada). Não duvido, senhor! Vejo que se arrepende de uma vez, por acaso, ter-se mostrado terno e amavel para comigo!

APOLLINARIO (atrapalhado, mudando de tom). Não digo isso... Tu me julgas muito mal, minha Eufrasinha! acredita que não sou capaz de

tal. (*Pondo a mão na cabeça, á parte.*) Ah! a cacêta na bóssa! a cacêta na bóssa!... (*Alto.*) Ah! sim!... sim... agora me recordo. (*Batendo na testa.*) Ora! lembro-me até muito bem! (*A' parte.*) Não ha remedio senão dizer que me lembro, para não ficar compromettido.

EUFRASIA. E se não fosse isso, póde estar certo que eu não lhe teria feito aquella revelação...

APOLLINARIO (*com resolução*). Pois não! e com toda a razão! Sim... estou certo até de que, se não fosse isso, a senhora não teria feito aquella revelação... (*A' parte; atrapalhado.*) Mas o que foi que ella me revelou?... (*Põe a mão na cabeça.*)

EUFRASIA (*continuando*). E, pelo que lhe fiz vêr então, ficou sabendo as razões que tenho para não querer que me dê... (*Chegando-se á Apollinario, com meiguice.*) Comprehende; não?...

APOLLINARIO (*como acima*). Oh! perfeitamente! E póde estar certa de que lhe não hei de dar .. antes em tal caso eu preferiria... mas... sim... não... com toda a certeza não ha de ter, eu lhe asseguro. (*A' parte.*) Não sei de que se trata, mas, enfim, seja o que fôr, não lhe darei!

EUFRASIA. Á proposito de revelação: ainda não me disse que mysterio era esse que havia entre o senhor e aquelle negro..

APOLLINARIO (*atrapalhado*). Heim? (*A' parte.*) Peior é essa! Temos outra! (*Alto.*) Que negro, Eufrazia?! (*Põe a mão na cabeça.*)

(*Ouve-se cahir dentro uma porção de louça.*)

APOLLINARIO (*singindo-se muito assustado*). O que é isto?!...

EUFRASIA. Não é nada: é sem duvida, a Joaquina, que chegou.

APOLLINARIO (*com colera simulada*). E que acaba de fazer em pedaços todo o nosso aparelho; não é assim? (*Com ar ameaçador.*) Espera, que a vou ensinar!

EUFRASIA (*contendo Apollinario*). Não se afflija agora: é melhor guardar isso para amanhã.

APOLLINARIO (*como acima*). Nada; ha de ser agora... e hoje mesmo havemos de ficar de contas justas. (*A'parte.*) Ao menos assim escapo da entaladella! (*Tomando novamente o chapéo; áparte.*) Has de ir comigo... já disse que te não deixo mais. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA XI.

EUFRASIA, E LOGO DEPOIS PINTALEGRETE:

EUFRASIA. Não sei o que tem meo marido; mas, decididamente, não está com a cabeça boa.

PINTALEGRETE (*entrando pela esquerda*). Por mais que faça é-me impossivel acertar com a porta da rua! Estou encurralado!

EUFRASIA (*tomando-o por Apollinario*). Então, o que foi?...

PINTALEGRETE. Ella!...

EM POR OUTRO

EUFRASIA (*reconhecendo Pintalegrete*). Ah! meu Deus! pois é...

PINTALEGRETE. Pelo amor de Deus, não grite, senão estou perdido!

EUFRASIA. O senhor aqui!

PINTALEGRETE (*com enthusiasmo comico e exagerado, ajoelhando-se aos pés de Eufrasia*). Sim! eu mesmo: o seu Professor! Eu, que me orgulharia em depôr a seus pés meus fracos merecimentos, si, ingrata como é, os não repellisse!

EUFRASIA. Como! pois o senhor já sabe?...

PINTALEGRETE. Sei! sei que, receiosa de aprender comigo, não quer aceitar-me por seu Professor, e fecha-me a sua porta!

EUFRASIA (*atrapalhada*). Mas .. quem lhe disse isso, senhor?

PINTALEGRETE. A senhora mesma, ainda ha pouco, ali, (*mostrando o sofá á Eufrasia*) n'aquelle lugar.

EUFRASIA. Que? pois, foi o senhor?!...

PINTALEGRETE (*com enthusiasmo*). Eu mesmo, senhora! Sim; fui eu quem saboreou aquelles dous excellentes copos de madeira!

EUFRASIA (*á parte*). Meu Deus! Que fui eu fazer!... (*Alto, a Pintalegrete*.) Levante-se, senhor, que póde chegar meu marido! (*Pintalegrete levanta-se.*) (*Cantam:*)

EUFRASIA. Oh! que engano!
Ceo! Que fiz!...

Por um triz
Que me apanha
Meu marido !
Ah! se elle
Vem agora!...

(A Pintalegrete.) Vá-se embora!

PINTALEGRETE. Oh! que engano
Tão feliz !
Por um triz
Que me apanha
O marido !

(A Eufrasia.) Mas, por onde
Hei de agora
Ir-me embora?...

(Repetem juntos.)

EUFRASIA (*Fallando*). Fuja, senhor! eu lhe
peço!... Se meu marido o encontrar aqui...
comigo... (*dando um grito e olhando para o
fundo.*) Céu! ahi vem elle!

PINTALEGRETE. Sim? pois aqui vou eu. (*met-
te-se pela porta da esquerda.*)

EUFRASIA (*Vendo sahir Pintalegrete e deixan-
do-se cahir sobre o sofá.*) Estou perdida!

SCENA XII.

EUFRASIA E APOLLINARIO

(*que entra pelo fundo, trazendo na mão esquerda o chapéo com que sahio de scena, e na direita um páo de vassoura.*)

APOLLINARIO (*Atirando com o chapéo sobre o sofá. A Eufrasia*). Não viu passar por aqui?

EUFRASIA. Quem? A Joaquina?

APOLLINARIO. Nada, não; não era ella; essa ainda não chegou.

EUFRASIA (*Olhando sempre com cuidado e receio para a porta por onde entrou Pintalegrete*). Então, não foi ninguem... (*á parte.*) Meu Deus! Estou com um mêdo!

APOLLINARIO. Ninguem?! Pois acredita que uma mesa cheia de louça pudesse cahir por si só?

EUFRASIA. E' que a mesa será d'essas que gyram ou dansão...

APOLLINARIO. Qual que gyram, nem que dansão! Não sou homem para acreditar n'essas cousas, senhora! Decididamente ha alguem em nossa casa, e eu hei de descobrir esse alguem, que não póde ser senão um homem! (*sóbe a scena, procurando.*)

EUFRASIA (*A' parte*). Meu Deus! (*alto.*) Um homem! Mas que homem quer então o senhor

que seja?... (como inspirada por ùma lembrança, e com ar significativo.) Ah!... Já sei...

APOLLINARIO (Voltando-se repentinamente, com receio). O que é?!...

EUFRASIA (Levantando-se). D'ahi... póde ser que não seja; mas eu julgo que ha de ser (como acima.) o negro do cacête?!...

APOLLINARIO (Recuando, assustado). O negro do cacête?!...

EUFRASIA. Sim, senhor; aquelle com quem o deixei aqui, e que, por não ter, talvez, acertado com a porta da rua...

APOLLINARIO (Interrompendo, como acima). O que é que está dizendo, senhora? O que está dizendo?...

EUFRASIA. É o que lhe digo. Verá si é ou não... (carregando nas palavras, e com ar muito mysterioso). o negro do cacête!

APOLLINARIO (Muito assustado, chegando-se para bem junto ae Eufrasia, e olhando para todos os lados). Heim?... Pois, devéras acredita que seja o negro?... Mas... então... julga que elle... ainda estará aqui?...

EUFRASIA. (Como acima). E que formidavel que era o tal cacête! (Apollinario estremece) Meu Deus! ainda me parece o estar vendo!

APOLLINARIO. E eu tambem!! (A' parte) Não ha que duvidar; o sujeitinho entrou commigo pelo armario, e está á espreita, esperando só uma occasião favoravel! (Canta:)

A cousa assim não vae bem ;
Preciso deliberar,
E ir auxilio buscar
Na força da Autoridade ;
Vou pedir a alguém soccorro
P'ra ver se escapo e não morro!

EUFRASIA. (*Canta*):

A cousa assim não vae bem;
Preciso deliberar.
Se vae auxilio buscar
Na força da Autoridade,
Então grito por soccorro,
Ou aqui de medo morro.

(*Repetem jntos*).

APOLLINARIO, (*Fallando*). Preciso sahir, minha Eufrasinha. Uma vez que esse negro ainda está escondido dentro da nossa casa, eu o considero um ladrão, e vou chamar a Autoridade. Porém, não tenhas medo; eu volto já.

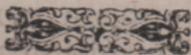
EUFRASIA. Como não hei de ter medo? Quizera antes que semelhante negro nunca tivesse aqui vindo.

APOLLINARIO Não te assustes; bem sabes que,

felizmente disponho de muita coragem e sangue frio. Vou chamar o inspector de quartelão, que mora d'aqui bem perto, e farei que esse atrevido seja agarrado e levado para a correcção agora mesmo. (*Impondo de corajoso*) Havemos de ver quem tem garrafas vazias para vender!

(*Apollinario sae pelo fundo e Eufrasiavae sentar-se no sofá, pensativa e afflicta, com a cabeça apoiada sobre a mão direita.—Cae o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO



Eufrasiavae

ACTO SEGUNDO

SCENA I

A mesma vista do primeiro acto

EUFRASIA, só. *(Ao levantar do panno, Eufrasia conserva-se ainda na mesma posição em que o Espectador deixou-a no fim do primeiro acto e como quem medita; depois levanta-se e se dirige para a frente da scena).*

EUFRASIA. Nada posso comprehender de tudo quanto hoje se passa aqui? Como se explica que esteja em nossa casa, e as estas horas, um homem, que me conhece, sim; mas, que não entretém relações de amisade com meu marido?... Que plano será o seu?... Oh? mas teria elle tanta audacia que não contasse com a presença de Apollinario?... E se encontrarem-se aqui?... Nada; é preciso ir lá dentro, e fazal-o sahir antes que meu marido chegue. *(Indo a entrar, e detendo-se)* Mas, não; convém que eu não sáia d'aqui, a fim de entreter Apollinario, e dar assim tempo para elle fugir. *(Em outro tom)* Decididamente a presença desse -homem aqui é,

ou um mysterio, ou um perigo; e talvez que
âmbas as cousas. (*Pensando*) Não sei o que hei
de fazer. (*Dando um grande suspiro*) Ai! ai!...
Como são as cousas deste mundo! Um, ama-me
e precura-me, e eu desejo e preciso evita-lo; o
outro, me não ama e evita-me, e eu devo e tenho
necessidade de o procurar! Um incommoda-me
com a sua presença, o outro com a sua ausencia!
Quantas, quantas não viverão como eu, trocadas
neste mundo! (*Ouve-se tocar uma campanhia do
lado direito—Encaminhando-se para a porta do
fundo, e olhando para dentro*) Ahi vem Apolli-
nario acompanhado de alguém! (*Olhando pela
porta da esquerda*) E o meu Professor?... Se
tivesse tido a lembrança de pular o muro do
quintal... (*Com resolução*) Ora! que me im-
porta! O que fôr soar. Já agora não sahirei
d'aqui. (*Senta-se*).

SCENA II.

A MESMA, APOLLINARIA E CHICO GUEDES.

(*Exquisitamente caracterizado. Entrão am-
bos pelo fundo, trazendo o primeiro, o pão de
vassoura com que sahiu no primeiro acto, e o se-
gundo, um grande cacete, e a tiracollo a fita
de Inspector de Quarteirão*).

APOLLINARIO, (*Na porta, para Guedes*). Entre;
entre sr. Chico Guedes.

CHICO GUEDES, (*Entrando*). Com sua licença, minha senhora. (*Comprimenta Eufrasia*).

EUFRASIA. (*A' Guedes ; levantando-se*) Boa noite. (*Aparte*). O Inspector do Quartelão !

APOLLINARIO, (*A' Guedes, ainda na porta*) Não percamos tempo, sr. Inspector. O senhor vai por aqui, (*apontando para o interior, pela porta do fundo*) e eu por alli. (*apontando para a porta da esquerda*). Assim encurralado pelas nossas forças, o inimigo, ou hade capitular-se ou render-se.

(*Pintalegrete apparece na porta da esquerda, e ouvindo as ultimas palavras de Apollinario, dá disso demonstração com um signal affirmativo de cabeça, e esconde-se novamente*).

CHICO GUEDES. As minhas forças poucas são ; mas, conto com este... (*Mostrando o cacête*).

APOLLINARIO. E eu com a minha resolução, que é desesperada : estou de animo decidido. Vamos ; vamos, Sr. Inspector.

C. GUEDES. Ora, vamos a isso.

(*Dirigem-se para o interior pelos lugares indicados*).

SCENA III

EUFRASIA E LOCO DEPOIS APOLLINARIO E
PINTALEGRETE

EUFRASIA. Meu Deus ! Estou toda tremula ! Que idéa fará de mim meu marido ? E a visi-

nhança?... Oh! este homem é um máo anjo que veio aqui para perder-me!

APOLLINARIO, (*Entrando de novo pela porta da direita, de costas e recuando até meio da scena, tremulo, assustado, e com voz alterada*). Quem é?!... Quem está ahí?!...

PINTALEGRETE. (*Que tem seguido Apollinario, parando no limiar da porta. e inclinando-se com o chapéo na mão*). E' ao Illm. Sr. Apollinario a quem tenho a honra de fallar?

EUFRASIA. (*A'parte*). Que animo!

APOLLINARIO, (*Encarando Pintalegrete, e examinando-o dos pés á cabeça*) Ah!... Queira desculpar-me... Porem, julguei que era... (*A'parte*) Felizmente, não é o negro do cacête!

PINTALEGRETE (*Como acima*). E', então, ao Illm. Sr. Apollinario a que tenho a honra de fallar?...

APOLLINARIO. Um seu criado. Porém, antes de mais nada: tenha a bondade de dizer-me quem é, e com que fim, ou po que motivo o venho encontrar escondido de noute dentro da minha casa?

PINTALEGRETE. (*Descendo á scena*) Bem; vejo que pizo em terreno amigo; posso, portanto, estar a meu gosto

APOLLINARIO. (*Que tem mudado de lugar, logo que Pintalegrete se tem aproximado d'elle*) Espere lá, senhor! Conserve-se em distancia respeitosa!

PINTALEGRETE. Pois não, meu amigo! (*Tira da algibeira um charuto, accende-o no lampeão, e senta-se a fumar, como quem está a seu gosto.*)

APOLLINARIO. Seu amigo! Eu? Não sou amigo de homens suspeitos!! Vamos: é mister que me explique o que fazia dentro de minha casa a estas horas! (*Para Eufrasia*). Então, o que lhe disse eu?

EUFRASIA. (*A' parte*) Que sahida dará elle?

PINTALEGRETE. E' facil; e já que tem tanta pressa, lá vae: (*Apontando para Apollinario*). Procurava-o.

APOLLINARIO. Para assassinar-me, não é assim? Pois saiba que não logrará o seu intento e que, como réo de policia, dentro em muito pouco tempo hade pagar-me!

PINTALEGRETE. (*Sempre com ar de mofa, e ridiculo*). Sim? Pois, eu entendo que já lhe paguei, e com usura! Tivemos uma sociedade, é verdade, que acaba de ser forçadamente dissolvida e liquidada; e, mesmo porque nada lhe fiquei devendo, é que o procurava afim de obter uma quitação ou recibo.

APOLLINARIO. (*Com admiração*). Uma sociedade commigo?!... (*Põe a mão na cabeça.*)

PINTALEGRETE. Sim, Senhor; uma sociedade commercial como qualquer outra, para a qual entrou o Senhor com o capital e eu com a minha industria. Pois, então? E' dos negocios mais licitos que se podem tentar. Oh! e que bom que

era o resultado! Porém, desgostei-me, porque o Senhor entendeu dever dar balanço todas as noites, embora tivesse eu a minha escripturação em dia ..

APOLLINARIO. (*Como acima*). Eu, senhor?!... (*Põe a mão na cabeça*).

PINTALEGRETE. Oh! pois já se não lembra?

APOLLINARIO. (*A parte*). Também este! Fico doudo, se já não o estou! (*Pondo novamente a mão na cabeça*). Ah! a cacetada na bossa! A cacetada na bossa!

PINTALEGRETE. Affianço-lhe, meu caro, que fomos socios; agora o que lhe não sei dizer ao certo é qual dos dous tirou mais lucro do negocio.

APOLLINARIO. (*Como procurando recordar-se*). No negocio?... (*A parte, pondo a mão na cabeça*). Isto é uma desgraça! Continuam-me os esquecimentos! (*Alto á Pintalegrete*). Eu não o comprehendo, Senhor! Nunca tive sociedade alguma com quem quer que seja. Explique-se de medo que o possa entender; e é myster que o faça agora mesmo, aqui, em presença de minha mulher! (*Apontando para Eufrasia*).

EUFRASIA. (*A parte*). Oh! decididamente isto tudo é um mysterio e um tormento para mim!

PINTALEGRETE. (*Levantando-se*). Com ella me entenderei também. (*A parte*). Com ella entendo-me eu perfeitamente!

EUFRASIA. (*Recuando, á Pintalegrete, em voz baixa*). O senhor fez muito mal!...

PINTALEGRETE. (*Interrompendo, e com as palavras de Eufrasia expressando o seu pensamento, que conclue dizendo*). Em vel-a e amal-a?... Não concordo.

APOLLINARIO (*ameaçando Pintalegrete.*) O que é que diz, senhor?!... Pois atreve-se?!...

PINTALGRETE (*Com o mesmo tom de calma e zombaria*). Digo que não concordo em que para vêr e amar esta senhora, (*apontando para Eufrasia*) não tivesse o senhor Apollinario razão, como por ahi se diz; pois, é tão verdade que é ella moça e bella, como que o senhor é um velho feio, bôbo, e... (*com ar significativo, carregando na ultima palavra*) astucioso!...

EUFRASIA (*A Pintalegrete, com ar de reprehensão*). Senhor!...

APOLLINARIO (*Fóra de si, ameaçando Pintalegrete*). Oh! isto é de mais! Espere, que eu... (*A Eufrasia, mudando de tom.*) Não te afflijas por minha causa, Eufrasinha. (*A' Pintalegrete*) Vou ensinal-o! Hoje mesmo terá na Correção o castigo do seu crime e atrevimento. (*Dirige-se para a porta do fundo, e grita para dentro.*) Senhor Inspector! Senhor Chico Guedes! Venha, que o sujeito está aqui!

EUFRASIA (*A' Pintalegrete, em voz baixa.*) Evite, por quem é, um escandalo, senhor; eu lhe peço!

PINTALEGRETE (*A' Eufrasia.*) Pois não, minha senhora! (*A' Apollinario.*) Estou prompto a capitular ou render-me: não é preciso appellar para a força armada.

APOLLINARIO (*Descendo a scena*). Estimo muito.

PINTALEGRETE. É necessario, porém, que se estabeleção as condições.

APOLLINARIO. Condições?... Não tenho que as propôr, e menos que recebê-las!

PINTALEGRETE (*Sentando-se novamente no sofá*). Pois bem; n'este caso estou aqui muito a meu gosto; e se apertarem comigo, ficarei ainda melhor mettendo-me dentro d'aquelle armario. (*Apontando para o armario.*)

APOLLINARIO e EUFRASIA (*Admirados*). No armario!

PINTALEGRETE (*A' Eufrasia*). Oh! ha armarios, minha senhora, que escondem e protegem maravilhosamente; conforme o modo por que são construidos. E sinão, seu marido que o diga, como excellent Architecto que é. (*A' Apollinario.*) Não é assim, senhor Apollinario?

APOLLINARIO (*Perturbado, e como quem comprehendeu*). Conforme... Isso depende na verdade... (*A' parte.*) Decididamente entrou pelo armario!... Não ha que duvidar: é o meu homem!

PINTALEGRETE (*A' Apollinario*). Então? Ainda

está disposto a não propôr-me condições, e menos aceital-as da minha parte?

APOLLINARIO (*Atrapalhado, á parte*). Se não aceito vai descobrir tudo! (*A' Pintalegrete.*) Taes serão as suas proposições...

EUFRASIA (*Aparte*). Que quererá isto dizer?

PINTALEGRETE. A primeira é... (*dirige-se para junto de Apollinario e falla em voz baixa.*) nunca mais se collocor em condições de tomar madeira no estado solido e em grande porção. (*faz com a mão signal de dar ou apanhar pancada.*) em quanto outro a saborear no estado liquido, e aos calices. (*Faz signal de beber.*)

APOLLINARIO (*Interrompendo-o*). Que! Pois foi o senhor?!...

EUFRASIA (*A'parte*). Que lhe estará dizendo?

PINTALEGRETE (*Como acima*). Um seu criado. Trocámos madeira por madeira, e eu preferi a liquida, porque gosto dos negocios liquidos.

APOLLINARIO (*A'parte*). Ah! grandississimo marôto! Se não estivesse aqui minha mulher, lançava-me a elle!...

EUFRASIA (*Aparte*). Que segredo haverá entre elles?

PINTALEGRETE. (*Como acima*). A segunda é...

SCENA VI.

OS MESMOS E CHICO GUEDES (QUE ENTRA PELO FUNDO).

CHICO GUEDES. Aqui estou ; aqui estou ,

Sr. Apollinario. Pareceu-me ouvil-o gritar pelo meu nome, e, então, vim correndo.

(*Pintalegrete, logo que vê Guedes, dá uma gargalhada, e sem poder conter-se e nem fallar, fica apontando para elle, a rir-se sempre. Guedes enfia.*)

APOLLINARIO. Correndo? Com effeito! Bem podia eu ter sido aqui morto, antes que o senhor chegasse.

CHICO GUEDES. (*Aparte, olhando para Pintalegrete e com ar desconfiado*). Quem será este bregeiro? (*A' Apollinario*). Sou um homem doente, e não posso correr muito. (*A' parte*) Nada; a constituição do Imperio não nos garante a propriedade do costado! Fechei-me em uma alcova, e puz-me de observação!

PINTALEGRETE. (*A' Apollinario, rindo-se sempre, e apontando para Guedes*). Com que, então, este Cetaceo é que me deve conduzir preso? Ora, soltem o pobre bicho. E' uma barbaridade fazer este animal andar com calças.

CHICO GUEDES, (*Formalisado, á Pintalegrete*) Veja lá, senhor vagabundo! (*Apontando para a fita que traz a tiracollo*). Respeite a Authoridade! (*A' parte*). O sujeito é atrevido!

PINTALEGRETE (*A' Guedes, com reverencia affectada e ridicula*). Oh! pois não, senhor! E então a sua que é uma autoridade de cathegoria obesiforme! (*Continúa á rir-se, apontando sempre para C. Guedes*).

CHICO GUEDES, (*Encolerizado*). Olhe que o posso matar !

PINTALEGRETE. (*Rindo-se sempre*). Não tem duvida. Desde que não morri com o susto de o ver, está claro que não morro mais.

EUFRASIA, (*A' parte.*) Que homem! não faz caso de nada !

APOLLINARIO. (*Aproximando-se de Pintalegrete, com resolução e emphase*). Basta, senhor ! Por modo algum consentirei que, além de tudo, desrespeite em minha casa a Autoridade que veio em meu auxilio. Só lhe cumpre obedecer á sua voz, como réo de policia que é !...

PINTALEGRETE, (*Interrompendo Apollinario*). Ah ! elle é réo de policia ? !...

APOLLINARIO, (*Alterado, gritando*). O senhor é que o é ! Peior é essa !...

PINTALEGRETE, (*Continuando, sem attender a Apollinario*). Bem me parecia ! (*Contemplando Guedes*) E não passa de um Carrasco !

CHICO GUEDES, (*Ameaçando Pintalegrete*) Insolente !...

PINTALEGRETE, (*A' Guedes*). Não se altere. Como disse ha pouco que me podia matar...

EUFRASIA, (*á parte*). Em que dará tudo isto ? (*Senta-se pensativa*).

APOLLINARIO, (*A' parte*). Ora, não é uma asneira estar eu com contemplações e receios, quando estou de cima ? (*A' Pintalegrete, com resolução*). Não admitto mais gracejos, senhor !

Intimo-o para que se entregue á Autoridade, ou então faço intervir força armada! (*A'parte*). Has de me pagar com muito bom juro!

PINTALEGRETE, (*Com ar de zombaria*). Sim?!...

CHICO GUEDES, (*Intervindo*). Sim, senhor; tem de me dar contas do seu procedimento; da razão porque se atreveu a entrar nesta casa, e porque se achava nella escondido a estas horas!

PINTALEGRETE, (*A' Guedes, sempre com ar de zombaria*). Obedeço, Sr. Cetaceo... (*Mudando de tom*). Desculpe se o trato pelo nome da familia, pois não sei o do individuo.

CHICO GUEDES, (*Formalisado*). Porém, esse não é o nome da minha familia, senhor!

PINTALEGRETE. Então é ruminante? Olhe que eu estudei zoologia. . .

CHICO GUEDES, (*como acima*). Tambem não, senhor! — Eu me chamo Francisco Sabino Martiniano Seixas da Purificação Mendes Guedes, e sou conhecido pelo Chico Guedes do armazinho.

PINTALEGRETE. Ah! bem me parecia que o senhor não passava de um *Chico Guedes*!

CHICO GUEDES, (*Alterado*). Não me provoque, senhor! Não me precipite!...

PINTALEGRETE. Aonde havia eu precipital-o, se não ha possibilidade de mover tão enorme massa? (*Contemplando Guedes*). Que bicho! Deve ter uma immensa barbatana!...

CHICO GUEDES, (*Como acima*). Eu arrebento de raiva! Eu estouro!

PINTALEGRETE. Deos nos livre disso! (*Em outro tom*). Pois, senhor; o seu nome inculca muito mais do que uma Autoridade de Policia; mas é força confessar que, ainda que fosse de multiplicada extensão, nunca seria maior do que a pessoa: sô essa barriga lhe accomoda muito mais!

CHICO GUEDES, (*A' Apollinario*). Senhor Apollinario, não estou mais para aturar este insolente: vou chamar a ronda. (*Vae a sahir, Pintalegrete o detêm*).

PINTALEGRETE. Espere; ora, por quem é, Sr. Cetaceo...

CHICO GUEDES, (*Interrompendo-o*). Chico Guedes, se me faz favor!...

PINTALEGRETE. Ah! sempre me esquece. E' que a sua presença não lembra outra cousa. (*Em outro tom*). Quer, então Sua Excellencia, o Sr. Chico Guedes, que eu explique a minha entrada aqui? Pois lá vae (*Senta-se*). Oução, e admirem.

APOLLINARIO, (*á parte*). Estou perdido!

EUFRASIA, (*Idem*). O que irá elle dizer?...

APOLLINARIO (*A' Guedes*). Perdão, Senhor Inspector. Isto são cousas á que o réo tem de responder mais tarde, quando fôr interrogado no horror do processo; e excusado é, portanto ..

PINTALEGRETE, (*Para Apollinario*). Mas eu é

que faço muito gosto em responder agora ; até porque, conforme exigiu V. S., devo explicar-me também ali com sua mulher... (*Apontando para Eufrasia*).

APOLLINARIO, Já não é preciso. (*A'parte*) Assim sou eu tôlo !

PINTALEGRETE, (*Continuando, sem ouvir Apollinario*). Começarei, pois, por declarar que estou nesta casa pela mesma razão material de corrupção (*Indicando com o dedo o movimento de rotação*) que para aqui tem transportado muitas vezes ali o Sr. Apollinario...

APOLLINARIO. A mim ? !...

CHICO GUEDES. Não o entendo.

PINTALEGRETE. Não admira: os animaes da sua especie não são dotados de intelligência ; e, além disso, o senhor Cetaceo...

CHICO GUEDES, (*Interrompendo*). Chico Guedes. E a dar-lhe !...

PINTALEGRETE, (*Continuando*) ...não é entendido em materias de construcção, como ali o Senhor Apollinario, que deve estar me comprehendendo perfeitamente .. (*Voltando-se para Apollinario*) Não é verdade, Senhor Architecto ?

APOLLINARIO (*A'parte*). Não ha duvida ; elle é que está de cima ! (*Alto, á Pintalegrete*). Nada disto vem agora ao caso, meu caro ; acompanhe á Autoridade, que o mais... (*Carregando na palavra, com significação*)arranjaremos depois. (*Aproximando-se de Pintalegrete, em voz baixa*)

Olhe que sou autor no processo, e posso desistir, e até dar-lhe escapúla. .

PINTALEGRETE, Agradeço-lhe a protecção; mas, não estou resolvido a calar-me.

CHICO GUEDES. O que é que diz?

APOLLINARIO, (*A' parte*). O malvado compromette-me inteiramente! Ainda não está satisfeito!

EUFRASIA, (*A' parte.*) Parece-me que vou comprehendendo toda esta embrulhada!

PINTALEGRETE, (*Levantando-se*). Digo que não é muito que se encontre no interior de uma casa, quem entrou pelas paredes da mesma casa.

EUFRASIA, (*Com admiração, levantando-se*) Pelas paredes?!

CHICO GUEDES, (*Benzendo-se*) Cruze! Então você é o Demonio!

APOLLINARIO. Não acreditem; não acreditem. São historias com que nos quer illudir para escapar-se!

PINTALEGRETE. Pois bem; vejamos quem é o mentiroso. (*Dirige-se para o armario, e abre a porta do mesmo; Apollinario quer impedir, põem Eufrasia o detêm.*)

APOLLINARIO. Por modo nenhum! Não consentirei que...

EUFRASIA, (*A' Apollinario, com ar significativo*). Eu é que não consinto, senhor, pois já vejo que ha aqui mais de um criminoso!

APOLLINARIO, (*Acabrunhado, áparte*). Completo a sua obra! tudo está descoberto!

PINTALEGRETE, (*Junto do armario, para Guedes*). A' Autoridade incumbe a descoberta, a pesquisa e o exame, não só do crime, como também dos meios empregados para perpetrar-o. Convido-o, portanto, Sr. Inspector, a entrar n'este armario, para examinar o mysterioso machinismo que nelle existe.

APOLLINARIO (*interrompendo, com inquietação*). Mas, olhe que. . .

EUFRASIA (*interrompendo Apollinario*). Silencio, senhor! (*com interesse e admiração*). Bem me parecia!

PINTALEGRETE (*A' Guedes, que exita*). Então, duvida cumprir o seu dever?...

CHICO GUEDES (*A' parte*). E que remedio! (*Alto*) Prompto. (*Entra no armario; Pintalegrete fecha immediatamente a porta por fóra, e logo ouve-se Guedes bater dentro*).

PINTALEGRETE. Cahio o jabuty no mundéo!

APOLLINARIO (*Afflicto, á Pintalegrete*). Oh! senhor, olhe que isto não são graças! Não facilite, que póde custar-lhe cara a brincadeira! (*Ouve-se Guedes bater, cada vez com mais força*) Veja que o homem póde morrer abafado; e, se calcar na mola que ha lá dentro, póde. . .

PINTALEGRETE. Ah! tem molla? . . . (*Approxima-se do armario e grita para Guedes*) Si quer sahir ha de calcar na mólla que ahi ha.

(*Immediatamente Guedes cessa de bater, e ouve-se o rumor do fundo movediço que se volta, e os gritos de Thomazia, dentro do armario*).

THOMASIA. Ai! ai!... (*bate com força e sem cessar*).

EUFRASIA (*Assustada*). O que é isto?!... Uma voz de mulher?!... (*Corre com resolução para o armario, abre a porta do mesmo, e recua sorprendida, vendo sahir immediatamente delle e precipitar-se em scena Thomazia, muito escabriada de saia e mantilha, tendo esta cahida para trás*).

SCENA V.

OS PRECEDENTES E THOMAZIA.

THOMAZIA. Ai!... ui!... quem me acode!... Tomando uma grande respiração) Ai!... quazi que morro!...

PINTALEGRETE (*A' parte*). A cousa sahiu melhor do que eu esperava!

THOMAZIA (*Vendo as pessoas presentes, e dirigindo-se á ellas*). Os senhores queiram desculpar. Olhem que eu não sou nenhuma ladrona; não venho roubar, nem fazer mal á ninguem. Chamo-me Thomazia Preciosa do Amor Divino, e sou bem conhecida de todos os Padres desta cidade, e aqui da vizinha dos senhores (*Apona para o lado do armario*) com quem moro.

(A' parte) E esta! Estou com as pernas me tremendo tanto, que quasi não posso suster-me em pé!

(Durante todo o tempo que está em scena Thomazia escarra e cospe a cada momento, mesmo sobre os circumstantes, os quaes por isso fogem della).

APOLLINARIO (A' parte). A Thomazia aqui agora! Faltava-me mais esta!...

EUFRASIA (Dirigindo-se para Apollinario, com despeito). Que quer dizer tudo isto, senhor?...

APOLLINARIO (com admiração e simplicidade affectadas). A fallar a verdade .. eu não sei! .. Estou de bocca aberta!...

(Ouve-se apitar ao longe assiduamente e com força, e o mesmo se repete por vezes até pouco antes de entrar novamente em scena Chico Guedes).

PINALEGRETE (dirigindo-se á Eufrazia) Quer dizer, minha senhora, que a Autoridade Policial era uma immensa crysalida, e transformou-se naquella mariposa! (Aponta para Thomazia).

THOMAZIA (Acabando de arranjar-se, pondo por fim a mantilha na cabeça, e ouvindo as ultimas palavras de Pintalegrete) O que é?... Mariposa será elle, já ouviu? Não seja atrevido!

PINALEGRETE (Depois de encarar Thomazia, rindo-se). Ah! não; é uma barata!

THOMAZIA (Raivosa e com ar de ameaça). Oh! seu desavergonhado! Barata era tua mãe; já ouviu? (Dirige-se para Pintalegrete).

PINTALEGRETE (*Fugindo de Thomazia*). Ai! que ella vôa para cima de mim!

EUFRASIA. Meo Deos! Quo cousas se estão passando hoje em minha casa! Como sou infeliz! (*Chora*).

THOMAZIA (*Vendo Apollinario*). Ah! o senhor está aqui?...

APOLLINARIO (*A' parte*). Ei-la comigo!

THOMAZIA (*Ao mesmo, continuando*). E deixa insultar assim em sua casa á Thomazia; não? Pois hei de vingar-me! Vou contar tudo tim-tim por tim-tim á sua mulher. (*Aponta para Eufrasia*).

APOLLINARIO (*A' Thomazia; á parte*). Calle-se, sinhá Thomazia! Vá-se embora! (*Pega-lhe na mão e aponta-lhe a porta da sahida*).

THOMAZIA (*Resistindo e batendo com o pé*). Não vou; não quero! Por isso mesmo agora hei de ficar aqui! Hei de contar tudo o que vi e o que sei; porque não quero que ella pense que eu ando mettida nestas cousas.

PINTALEGRETE. (*A' parte*). Tomára eu isso! (*Alto, a Thomazia*) Assim mesmo, sinhá Thomazia, conte tudo o que sabe.

THOMAZIA. (*A Pintalegrete*) Olhem o descarado! (*Com voz ridiculamente affectada, imitando Pintalegrete*) Conte o que sabe... conte o que sabe... (*Correndo com o mesmo, que se tem approximado d'ella*.) Sae! sem vergonha! (*Em*

tom de ameaça.) Ah! vocês querem metter-se commigo !...

PINTALEGRETE. (*A' Thomazia.*) Não tenho a menor idéa disso ; póde estar certa ..

THOMAZIA. (*Continuando.*) . . Pois vão ver agora o que é bom ! (*Approximando-se de Eufrasia.*) Minha Dona ; saiba que estes sujeitos são dous trastes muito grandes. Olhe ; eu sou sua amiga e vou lhe dizer o que ha. (*Escarra e cospe quasi sobre Pintalegrete, que indo approximar-se d'ella, recúa.*)

PINTALEGRETE. (*A' parte*) Safa ! D'aqui á pouca estamos innundados ! (*A Thomazia*) Não se esqueça de contar tambem como aqui veio parar, que eu quero ouvir. Ha de ser uma historia interessante !

THOMAZIA. (*Empurrando Pintalegrete*) Não me interrompa Sr. ! (*zangada*) Ai ! Peior é essa ! (*Com ar-ameaçador, pondo as mãos nas cadeiras.*) Os Srs. parece que não me conhecem !

PINTALEGRETE. Oh ! Pois não !... muito ! e é por isso mesmo !

THOMAZIA (*Olhando para Appollinario, que com os braços crusados sobre o peito, com ar de quem está contrariado, se tem conservado na frente da scena, do lado opposto ao em que está Eufrasia.*) Olhem aquelle santarrão !... Parece que não mata uma mosca !...

PINTALEGRETE (*Interrompendo.*) Porém, olhe que mata baratas...

THOMAZIA (*Desviando Pintalegrete*). Que demonio !... (*continuando*) Entretanto vale o que pesa ; pelo menos, na astucia ninguem o ganha. Mas, deixe estar que lhe vou pôr a calva á mostra !

APOLLINARIO (*A'parte*). Que mulhersinha ! Vai acabar de comprometter-me ! Nem por ter-me chuchado tanto dinheiro !...

THOMAZIA (*A Eufrasia*). Pois, sim senhor ; como lhe eu ia disendo...

PINALEGRETE (*A'parte, passando por perto de Thomazia*). Sinhá Thomazia, não me comprometta. (*Esfregando os dedos como quem falla em dinheiro*) Olhe... não sei se me entende ! .. Heim!...

THOMAZIA (*Empurrando brandamente Pintalegrete, com ar de ridiculo desdem*). Hum !... Diacho do pachola !... Sae d'aqui ! (*Fechando a mão direita em fôrma de figa, e mostrando-a á Pintalegrete.*) Toma uma figa, judeo. (*Mudando de tom.*) Não ; assim mesmo este não é peor não ; (*apontando para Apollinario*) mas aquelle sonso que ali está !...

APOLLINARIO (*A'parte*). Ainda em cima é comigo que ella se mostra mais indisposta !

EUFRASIA (*A'parte*). Meu Deos ! que papel estou fazendo aqui !... (*A Thomazia, com impaciência*) Senhora ; diga afinal, o que sabe ; acabe com isso.

THOMAZIA (*A Eufrasia com ridiculo carinho*).

Espere meu amorzinho. — Vontade tenho eu ;
aindas que me pediram segredo... mas óra !
isto de segredos só servem p'ra comprometter a
gente ; e, além d'isso, eu cá não sou bahú de
ninguem.

PINTALEGRETE (*Para Thomazia*). Isso ; isso
mesmo, sinhá Thomazia. (*Apontando para Eu-
frasia*) Conte tudo ahi a essa senhora.

THOMAZIA. Ora : isso conto eu !... Até porque
hei de ser sempre pelas mulheres como eu sou.

PINTALEGRETE (*A'parte*). Menos essa ! A com-
paração não honra nada !

APOLLINARIO (*A'parte*). Estou em minoria
absoluta ; a ninguém tenho por mim... Ah !
Mariquinhas !... Mariquinhas !...

THOMAZIA (*Voltando-se para Eufrazia*). Pois,
minha menina, como lhe eu ia contando : eu,
Thomazia Preciosa do Amor Divino, moro aqui
ao pé (*aponta para o lado D.*) com a Senhora
D. Mariquinhas dos Prazeres, sua vizinha. E
vae senão quando, na dita casa davão-se certos
acontecimentos ; como, por exemplo, (*Apontan-
do para o armario*) aquelle armario de gerin-
gonça, por onde o Sr. seu marido passa para lá
sempre que quer. (*Pausadamente e com intenção*)
Et cætera... et cætera... e outras cousinhas
mais, que eu não quero lhe dizer para não amo-
final-a. Hoje, porém, tem havido por lá grandes
cousas ! Olhe ; desde que anouteceu ainda não
tirei do corpo esta mantilha, vendo só as cousas

em que darão. E vai senão quando... (*Em outro tom*) Ora, a gente sempre tem sua curiosidade... (*com intimidade*). Não ha nada mais natural do que nós, as mulheres, sermos curiosas; não é assim?

PINTALEGRETE. Pois não; o contrario é que não é natural, e até creio que é impossivel.

THOMAZIA (*A Pintalegrete*). Eu te arrenego! Quem o chamou cá? (*A Eufrazia, continuando*) Ora muito que bem; e vou eu, e pego em mim e entro dentro do tal armario, para ouvir o que aqui se estava fallando; quando, de repente, sinto-me andar á roda e vejo-me fechada do outro lado, que quasi morri abafada! Puz-me então a gritar e a bater como uma desesperada, até que me abriram a porta, e aqui me achei com estes dous Senhores e o Amorsinho. (*Pega com meiguice nas mãos de Eufrazia, que lh'as recusa.*) Então, está zangada commigo? Pois, olhe: não foi por mal que eu fiz isto; e até foi bem bom, para o Amorsinho ficar sabendo de tudo. Eu sou muito sua amiga... (*Pega novamente nas mãos de Eufrazia que constringida resiste.*) Deveras não me quer bem? Ora, deixe-se d'isso... (*Encarando Eufrazia*) Como ella é bonitinha... (*olhando para Apollinario*) E casada com um gêbas d'aquelles!... (*Apollinario faz um gesto de impaciencia*).

EUFRAZIA (*Fugindo de Thomazia e passando para o lado opposto*). Deixe-me Senhora!

APOLLINARIO (*A' parte mudando de logar*). Já não estou bem aqui.

PINTALEGRETE (*Chegando-se para junto de Thomazia, que percorae a scena examinando tudo com curiosidade*). Muito bem, Sinhá Thomazia!.. muito bem! desempenhou perfeitamente o seu papel. (*A' parte*) Esta qualidade de gente é mesmo assim: depois que comem quebram os pratos.

EUFRASIA, (*Com despeito amargurado, approximando-se de Apollinario e batendo-lhe com a mão no hombro*). Já sei de tudo, Senhor! Agora comprehendo eu, a minha infelicidade!... Que procedimento!... Que infamia!

APOLLINARIO (*Estremecendo, á parte*). Eu ainda apanho hoje outra sova de pau!... (*Cantão*)

THOMAZIA. Julgam-me tolla
O tal meu velhaco (*Aponta para*
Mas fiz elle agora *Apollinario*)
Dar bem o cavaco!

PINTALEGRETE. Não sei quem foi tollo
Nem quem foi velhaco;
Porém, sei que agora (*Aponta para*
Deu elle o cavaco. *Appolinario*)

EUFRASIA. Eu fui uma tolla
E elle um velhaco; (*Aponta para*
Mas vejo que agora *Appolinario.*)
Deu bem o cavaco.

APOLLINARIO. Eu é que fui tollo,
Que grande velhaco! (*Aponta pa-
Confesso que agora ra Pintale-
Dei bem o cavaco ! grete.*)

(*Repetem juntos.*)

PINTALEGRETE (*Dirigindo-se para Apollinario*).
Agora, meu caro Sr. Apollinario, dir-me-ha
em presença de sua mulher, qual de nós dous é
o homem suspeito, o réo de policia.

APOLLINARIO (*A Pintalegrete*). Decididamente
é o Senhor ; e cada vez se torna mais criminoso
e suspeito ! (*A Eufrasia*) Eufraquinha ; não acre-
dites n'este homem, e nem mesmo em cousa
alguma do que viste e ouviste. (*Approximando-
se de Eufrasia com intimidade affectada.*) Olha :
este sujeito, (*Apontando para Pintalegrete*) não
passa de um magico e todas estas cousas, me-
nina, fazem-se no theatro...

EUFRASIA. (*Com indignação, interrompendo
Apollinario*) Cale-se Senhor ! não quero ouvi-
lo mais ! A sua voz causa-me aborrecimento !
Não pense que me enganava inteiramente,
quando aqui se fechava todos os dias á pretexto
de trabalhar no tal seu pagode...

PINTALEGRETE (*Interrompendo Eufrasia*). Pois
isto tudo é um pagode, minha senhora !

EUFRASIA. (*A Pintalegrete, com dignidade.*)
Tem razão, Senhor, mas se é divertido, nada
tem de decente para um homem casado. (*A Apo-*

linario) Prepara-se para acompanhar-me até a casa de meu pai : nunca mais voltarei para sua companhia... (*mudando de tom*) ao menos enquanto morar aqui ao pé (*apontando para o lado D.*) a tal sua inquilina e vizinha.

APOLLINARIO (*A'parte*). Bonito! Lá se vai também a mulher! Afinal fico sem uma e sem outra! (*A Eufrasia*) Se a duvida está n'isso, minha Eufrasinha, podes estar certa de que amanhã mesmo será intimada a nossa vizinha, para quanto antes mudar-se, e farei executar e desaparecer aquelle diabolico armario. (*Aponta para o armario*).

PINTALEGRETE (*Rindo-se*). Até porque está já muito velho e cheio de baratas.

THOMAZIA. (*Interrompendo o exame, que curiosamente tem continuado a fazer em tudo, e prestando attenção ás ultimas palavras de Apollinario, para quem então se dirige.*) Como é lá isso? O que é?... Então quer nos botar na rua?...

APOLLINARIO, (*Aparte*). A cousa vai adiante! Não me lembrava que estava esta mulher aqui.

SCENA VI

OS PRECEDENTES E JOSE' PIÉGA ENTRANDO PELO FUNDO

JOSÉ PIÉGA. VV. SS. queiram perdoar a confiança...

UM POR OUT R

APOLLINARIO E PINTALEGRETE. (*A' parte, recuando com medo*). O negro do cacête! !...

THOMAZIA (*Idem*). O capoeira das bordoadas de hoje!... Abrenuncio! (*Benzendo-se*) Cruzes!

EUFRASIA (*A José Piéga*) Que quer ainda aqui, senhor Mestre?

JOSÉ PIÉGA (*A Eufrasia*). Minha Angana queira desculpar este seu negro; mais eu venho arreceber a minha molhadura; a paga do meu trabalho... (*Admirado, vendo Pintalegrete com Apollinario*) Gentes! apois entonces já estão juntos?! Que diacho de cousa é esta?!

PINTALEGRETE (*A José Piéga, em voz baixa*). Cala-te!

EUFRASIA (*A Apollinario*) Ah! o Senhor encarregou-o de algum trabalho? Pois, então, pague-o, e mande-o embora.

APOLLINARIO Nada; já está pago... eu já paguei... oh! e paguei muito bem!... (*A parte*) Ainda em cima!...

JOSÉ PIÉGA (*A Pintalegrete*). Meu branco, V. S. bem sabe...

PINTALEGRETE (*Como acima*). Não te calarás? (*Afasta-se de José Piéga, e dirige-se para o fundo da scena.*)

JOSÉ PIÉGA. (*Continuando*). Apois aquelle meu Senhor branco prometteo pagar dobrado o nosso trabalho, sendo feito em casa da sinhá D. Marquinhas.

THOMAZIA (*Pondo as mãos nas cadeiras, e*

olhando irada para Apolinario.). Que grandecissimo traste!...

APOLLINARIO (*A' parte*). Homem, essa agora!...

JOSÉ PIÉGA. Purtroppo são quarenta min reis.

EUFRASIA. Ah! então foi em casa da nossa inquilina!... (*A José Piéga*). Espere, senhor Mestre. (*Vai á secretária, tira dinheiro de uma gaveta e o dá a José Piéga*). Aqui está o seu dinheiro. Vá-se embora.

JOSÉ PIÉGA. (*Depois de receber o dinheiro*). Muito obrigado, minha Angana. (*A Apollinario*) Meu branco, se V. S. precisar outra vez de mim, este crioulo está sempre na Praia do Peixe ás ordens de V. S. (*Encaminha-se para a porta do fundo*).

APOLLINARIO. Fico-lhe muito obrigado; mas, espero que não ha de ser mais preciso.

JOSÉ PIÉGA, (*A Pintalegrete*). Entonces, que quer dizer isto, meu branco?

PINTALEGRETE (*A José Piéga em voz baixa*). Caluda! Cacête prompto e segredo!

APOLLINARIO (*Com raiva, e amarrotado a socos o chapéo que tem na mão; á parte*). Ah! e ainda em cima dar eu o meu dinheiro!...

(*Pintalegrete desce a scena, José Piéga vai a sahir, e no mesmo momento entra pelo fundo Chico Guedes acompanhado de dous Soldados Policiaes.*)

SCENA VII

OS PRECEDENTES, CHICO GUEDES, e os dous Soldados Policiaes.

CHICO GUEDES (a José Piéga, impedindo-lhe a sahir). Faça alto, Sr. Mestre! Ninguem póde sahir agora d'esta casa.

APOLLINARIO, PINTALEGRETE, EUFRASIA e THOMAZIA. (Olhando para o fundo). Que quer diber isto? !...

JOSÉ PIÉGA (A Chico Guedes). Ora não me conte historias... (Tenta passar, resistindo e ameaçando Chico Guedes.)

CHICO GUEDES (Recuando). O' Pai!.. Olha lá!... (Aos soldados) Camaradas, segurem este negro! (Os Soldados desembainhão as espadas e seguram José Piéga; este continúa ameaçando aquelles, querendo dar cabeçadas, pulando, etc. e assim se conserva até cahir o panno).

THOMAZIA, (A'parte). O negocio está se tornando serio! Deixe-me ver se me escapo, antes que fique envolvida na rascada. (Dirige-se para a porta do fundo, Chico Guedes a delém).

PINTALEGRETE (A'parte). Nada; eu já não estou bem aqui! (Vai tentar sahir, e é tambem impedido por Chico Guedes).

CHICO GUEDES. Já disse que ninguem póde sahir! (Aos soldados) Guardem essas portas; e se alguem tentar resistir, cumpram as ordens que

receberam. (*Para os que estão em scena*). Estão todos presos para averiguações, de ordem do Exm. Sr. Chefe de Policia !

APOLLINARIO E THOMAZIA. Prezos ?!...

PINTALEGRETE. Com esta peripecia é que eu não contava !

EUFRASIA (*Cobrindo o rosto com as mãos*).
Meu Deos ! que vergonha !! (*Cantam:*)

PINTALEGRETE. Escapei, com taes amores,
De ter de pau apanhado ;
Porém, não de, infelizmente,
Pr'a a policia ser levado.

EUFRASIA. Eu devia em taes amores
Mais sentido ter tomado,
P'ra não ver, infelizmente,
Este fim tão desgraçado.

CHICO GUEDES. Seja crime, ou seja amor,
Eu cá sou desconfiado ;
E quero ver, finalmente,
O negocio deslindado.

THOMAZIA. Cá eu, já não tenho amores ;
Mais, porém, mandou-me o fado
Vir aqui, infelizmente,
P'ra roer este bocado !

JOSÉ PRÉGA. Por um arranjo de amores,
Quem disse que estou fillado?...
Eu cá não sou, certamente,
Moleque p'ra ser surrado.

APOLLINARIO. Em arriscados amores
Lição mui boa hei levado!
Não pensei ver, finalmente,
Um por outro ser trocado!

(Repetem juntos, e cae o panno).

FIM DA COMEDIA.

Advertencia

Ninguém póde levar á scena esta comedia
sem licença do author.